

UM OLHAR INTEGRADO SOBRE OS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

DE SANTO ANDRÉ



UM OLHAR INTEGRADO SOBRE OS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE SANTO ANDRÉ/SP

*Pesquisa para Mapeamentos e Dinâmica dos
Catadores de Materiais Recicláveis*

REALIZAÇÃO:



FINANCIAMENTO:



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Um olhar integrado : sobre os catadores de materiais recicláveis de Santo André / Ana Aparecida Pereira...[et al.]. -- 1. ed. -- Joinville, SC : Painel Pesquisas e Consultoria, 2022.

Outros autores : Dyego Pegorario de Oliveira, Luciana Pena Morgado, Roberta Strack Gonçalves. Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-93177-29-3

1. Catadores de materiais recicláveis
2. Catadores de materiais recicláveis - Aspectos sociais
3. Catadores de materiais recicláveis - Santo André (SP)
4. Políticas públicas
5. Resíduos sólidos - Administração
6. Reciclagem (Resíduos etc.)
7. Reciclagem do lixo I. Pereira, Ana Aparecida. II. Oliveira, Dyego Pegorario de. III. Morgado, Luciana Pena. IV. Gonçalves, Roberta Strack. V. Título.

22-113005

CDD-363.7282098161

Índices para catálogo sistemático:

1. Santo André : São Paulo : Catadores de materiais recicláveis : Organização social : Bem-estar social 363.7282098161

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

PAINEL PESQUISAS E CONSULTORIA

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO-GERAL

Ermelinda Maria Uber Januário - Economista - Corecon 2.556-9

João Jeronymo de Aquino Neto - Sociólogo e Especialista em Psicologia Social

COAUTORES

Luciana Pena Morgado - Socióloga e Mestre em Ciências

Ana Aparecida Pereira - Pedagoga e Mestre em Saúde e Meio Ambiente

Dyego Pegorario de Oliveira - Sociólogo e Educador Social

Edinilson Ferreira dos Santos - Tecnólogo em Planejamento Ambiental

Fernando Arlei Cruseiro - Biólogo e Especialista em Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos

Hugo Alexandre Calixto Antônio - Sociólogo e Especialista em Meio Ambiente e Sociedade

Jutta Gutberlet - Professora de Geografia

Naraisa Moura Esteves Coluna - Engenheira Agrícola e Ambiental

Roberta Strack Gonçalves - Socióloga e Educadora Social

Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos - Jornalista

ORGANIZADORES

Ana Aparecida Pereira - Pedagoga e Mestre em Saúde e Meio Ambiente

Ermelinda Maria Uber Januário - Economista - Corecon 2.556-9

João Jeronymo de Aquino Neto - Sociólogo e Especialista em Psicologia Social

Luciana Pena Morgado - Socióloga e Mestre em Ciências

CRIAÇÃO DA MARCA

Rafael Uber - Diretor de Arte e Diretor Cinematográfico

FOTOGRAFIA

Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos - Jornalista

EDITORAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Renato Ferreira de Araujo - Analista de Marketing e Designer Gráfico

Isabela Bortoletto Bozzola - Designer Gráfico

FINANCIAMENTO



Joinville/SC

1ª Edição - Junho, 2022

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ - 2022

PREFEITO

Paulo Henrique Pinto Serra

VICE-PREFEITO

Luiz Zacarias de Araújo Filho

UNIDADE DE EXECUÇÃO DO PROGRAMA SANEAR SANTO ANDRÉ - UEP

Vitor Mazzeti Filho - Coordenador Geral

Dirval Antonio Morelli César - Coordenador Executivo

Mônica Ramos Correa de Souza - Coordenadora Financeiro

Angélica Ferrini - Coordenadora Gerencial

Nilson Oliveira Bispo - Coordenador Operacional

SERVIÇO MUNICIPAL DE SANEAMENTO AMBIENTAL DE SANTO ANDRÉ – SEMASA

SUPERINTENDENTE

Gilvan Ferreira de Souza Junior

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Departamento de Resíduos Sólidos do Semasa

Edinilson Ferreira dos Santos

Naraisa Moura Esteves Coluna

Fernando Arlei Cruseiro

Elvecio de Oliveira

Coordenadoria de Comunicação Social

Waldir Luiz da Silva

Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

Paloma Alvarez Alonso

AGRADECIMENTOS

Ricardo Kondratovich

Aldo Gomes da Costa Filho

Secretaria de Cidadania e Assistência Social

Marcelo Delsir da Silva

Núcleo de Inovação Social

Ana Claudia de Fabris

Secretaria de Desenvolvimento e Geração de Emprego

Evandro Banzato

Apoio técnico ao gerenciamento

Maurício Cattelan Romero

Priscila Coutinho Costa

Raphael Batelochi Merschmann Slobodticov

Mateus Fuad Sousa Kfourri

Aos trabalhadores de materiais recicláveis – Catadores

Agradecemos a todos os catadores de materiais recicláveis que atuam no município de Santo André/SP, protagonistas desta inspiradora obra, que responderam ao questionário e disponibilizaram imagens e depoimentos de suas vidas laboral e social, contribuindo com a publicação deste livro de pesquisa diagnóstica socioambiental!

Painel Pesquisas e Consultoria

Junho de 2022



APRESENTAÇÃO

UMA NOVA ABORDAGEM DO TEMA RESÍDUOS SÓLIDOS: PELA INTEGRAÇÃO E VALORIZAÇÃO SOCIAL DOS CATADORES

A publicação dos resultados do mapeamento dos catadores do município de Santo André é extremamente oportuna, dada a relevância e a dimensão dos desafios que a gestão urbana enfrenta diariamente com a crescente geração de resíduos sólidos. É simultaneamente um problema, um recurso e uma solução, e a diminuição da produção de resíduos é a chave para um futuro mais sustentável. No entanto, à medida que a geração de resíduos aumenta na sociedade, a atenção por parte dos formuladores de políticas públicas também cresce e, com isso, o tema torna-se central e inerente à sociedade humana.

Os catadores e as catadoras de materiais recicláveis se destacam como um dos protagonistas nesse cenário. Eles deveriam receber maior atenção do poder público, que possui ferramentas para facilitar, valorizar e remunerar o trabalho desses profissionais. Ao dar atenção ao tema resíduos, é possível trabalhar diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs): criação de empregos verdes e renda para os mais excluídos na sociedade (ODS 1 e 8); melhorias das condições ambientais e de saúde (ODS 3 e 11); diminuição da pegada de carbono das cidades (ODS 11); redução da extração de recursos, recuperando materiais descartados (ODS 12); e moldando uma governança de resíduos com parcerias entre sociedade civil, poder público e setor privado para o desenvolvimento sustentável (ODS 17).

A pesquisa apresentada neste livro contribui para um melhor conhecimento da situação socioeconômica atual da população de catadores de rua em Santo André que, como na maioria das cidades no Brasil e também em outros países, representa uma parte da população vulnerável, vivendo em situação de miséria. Além de reiterar as funções importantes que os catadores exercem na coleta seletiva e na recuperação de materiais para a reciclagem e a economia circular, o livro aponta para os desafios ainda existentes que precisam ser trabalhados de forma urgente. Um dos maiores obstáculos para a integração dos catadores independentes e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade de vida, está atrelado ao baixo nível escolar dessa população. O levantamento constatou que 36% dos entrevistados mencionaram ter o Ensino Fundamental 1 incompleto como nível mais alto de educação formal. Se for incluir aqueles catadores com Ensino Fundamental 2 incompleto, 65% dos indivíduos entrevistados têm educação precária. Esses dados confirmam o fato de que a grande maioria dos catadores não consegue acessar e finalizar o ensino formal, confinando-os aos empregos de baixa renda e à margem da sociedade. Uma gestão moderna e sustentável de resíduos urbanos deve se preocupar com as conseqüências que a falta de acesso à educação traz e o poder público e a sociedade precisam procurar soluções para o problema.

A inclusão dos catadores na governança dos resíduos sólidos e a sua integração no dia a dia da gestão municipal oferecem oportunidades para tratar de alguns dos ODSs,

configurando uma agenda política para a sustentabilidade. A interação desses trabalhadores com a população, condomínios, restaurantes e empresas facilita o diálogo e a possibilidade de fazer uma educação socioambiental, ampliando níveis de consciência nesses setores e comunidades.

Dado o enorme desafio posto pela variedade e complexidade dos resíduos gerados e descartados – principalmente os materiais compostos de polímeros, como os plásticos, e reconhecendo a contribuição dos catadores na recuperação dos resíduos, temos a chance de aumentar a coleta e destinação apropriadas desses materiais e, com isso, melhorar a situação socioeconômica, remunerando os serviços prestados pelos catadores. Outra oportunidade se encontra na fração orgânica dos resíduos, que poderiam ser coletados de forma separada e direcionados à compostagem ou à biodigestão. Reduzir o desperdício e recuperar os materiais descartados vão beneficiar os cofres municipais. Esses ganhos diretos e indiretos podem remunerar os catadores envolvidos na coleta e separação, assim como na educação ambiental. Mais ainda, os catadores deveriam estar na ponta das discussões sobre gestão de resíduos sólidos, tendo a inclusão socioeconômica e a sustentabilidade social, econômica e ambiental como enfoque principal. No entanto, a pesquisa mostra que a maioria dos catadores avulsos nem conhece as cooperativas de reciclagem no município. Ampliar a divulgação dos resultados do mapeamento e o diálogo com os principais atores são medidas indispensáveis no avanço para uma gestão inclusiva e sustentável.

Muitos desafios permanecem, como a quantidade grande de materiais considerados rejeitos, a má qualidade de separação na fonte, a falta de materiais para alguns catadores, os impactos psicossomáticos da exclusão social e econômica, assim como a dificuldade no processo da integração dos catadores por meio da formação de microempreendedores ou da ampliação de formas coletivas de organização desses trabalhadores. Uma maior sensibilização dos munícipes para as questões socioambientais relacionadas à geração de resíduos sólidos pode ser alcançada com maior integração entre os espaços organizados da coleta seletiva (como as cooperativas), o poder público e a população em geral. Visitas monitoradas de escolas e círculos de conversa entre munícipes e catadores nas cooperativas podem ajudar a aproximar os indivíduos a este tema complexo e transmitir novos *insights* para a gestão de resíduos sólidos. Todos os atores sociais, tanto o poder público quanto à sociedade civil, o setor privado e ONGs, estão desafiados na construção de um modelo novo de gestão integrada de resíduos sólidos, que seja proativo, inclusivo e sustentável.

Jutta Gutberlet

Professora de Geografia da Universidade de Victoria, Canadá

Junho de 2022

PROLÓGO

PUBLICAÇÃO DE MAPEAMENTO SOBRE CATADORES EM SANTO ANDRÉ

O CAF - banco de desenvolvimento da América Latina - celebra a publicação pela Prefeitura de Santo André, estado de São Paulo, deste importante estudo sobre a realidade dos catadores e catadoras, protagonistas da gestão de resíduos sólidos na cidade.

Entendemos a gestão de resíduos como uma oportunidade para repensar os padrões de consumo e redesenhá-los para um modelo de economia circular. A América Latina e o Caribe precisam reduzir as práticas inadequadas de disposição final de resíduos, ampliar a coleta seletiva e aumentar as taxas de reciclagem, não apenas por questões ambientais, mas também de saúde e econômicas. Por isso, é um prazer para o CAF poder acompanhar Santo André no desenvolvimento e aprimoramento de seu sistema de gestão de resíduos sólidos urbanos; moderno, inclusivo e eficiente.

Santo André vem implementando políticas inovadoras e se comprometendo com a inclusão daqueles que viabilizam a reciclagem no dia a dia junto à cidadania. Este mapeamento de catadores e catadoras, que dedicam suas vidas e obtêm seus rendimentos das atividades de separação e classificação, é uma peça-chave para que o município, com base em dados primários, possa definir e implementar novas estratégias de gestão de resíduos que permitam melhorar a recuperação de materiais cotidianos.

Como aponta o recente Plano Nacional de Resíduos Sólidos (Planares), o trabalho ambiental dos catadores e catadoras, e suas associações, possibilita a absorção de materiais recicláveis pela indústria. Por isso, é fundamental não só incluí-los, mas também promover sua autonomia por meio de programas que formalizem e tornem seu trabalho sustentável. Assim, este levantamento permitirá a Santo André analisar e priorizar a abordagem de políticas públicas sociais e produtivas voltadas à melhoria das condições atuais dessa população em situação de vulnerabilidade.

CAF

Banco de Desenvolvimento
da América Latina

Junho de 2022

PREFÁCIO I

UM FUTURO DIGNO ÀS PESSOAS QUE TANTO COLABORAM COM O MEIO AMBIENTE

Os catadores de resíduos recicláveis exercem uma nobre função de agentes ambientais. Ao recolher materiais pelas ruas, calçadas, comércios e terrenos públicos e privados, tornam-se importantes defensores do meio ambiente. Sem eles, milhares de toneladas de papelão, metal e plástico poderiam poluir a cidade e causar enchentes e alagamentos, provocar problemas de saúde e saturar o aterro municipal. A natureza também sofreria mais com a perda de recursos naturais e de milhares de toneladas de matérias-primas extraídas para a fabricação de produtos.

Reconhecer a importância dos catadores e realizar ações e políticas públicas para esses profissionais é questão de honra. Com a execução deste estudo, Santo André obtém uma valiosa ferramenta para ouvir e dar voz aos profissionais, compreender quais são as necessidades deles e atuar para proporcionar melhores condições de vida e trabalho.

O que mais queremos é que Santo André acolha, dê alegria, conforto, saúde, educação, lazer, moradia, trabalho digno e bem-estar à população. Por isso, com esta pesquisa em mãos, trabalharemos em conjunto com diversas secretarias da Prefeitura, com o Semasa, ONGs e instituições públicas e privadas para fazer diferença na vida dos mais de 1.800 catadores que utilizam as ruas do município para obter renda, sobreviver e ampliar a perspectiva de um futuro melhor.

O nosso compromisso é oferecer capacitação profissional para surgirem novas oportunidades de geração de trabalho e renda, reduzir as desigualdades, assegurar a liberdade individual e o direito de ir e vir, prevenir doenças, promover reinserção social e acesso a serviços públicos de qualidade, fortalecer o convívio familiar e comunitário e proteger a nossa gente da fome, miséria e de violações dos direitos humanos.

Nosso propósito também é garantir a saúde e o bem-estar daqueles que são os seus fiéis companheiros, os pets. Faça chuva ou sol, os animais também estão na batalha e expostos a vulnerabilidades. Para proporcionar melhores condições de trabalho aos catadores, vamos convidá-los a fazer parte das cooperativas de reciclagem que existem em Santo André. O município já projeta construir um novo galpão com equipamentos modernos, visando inserir mais pessoas para trabalhar no mercado formal de triagem, compactação e venda de recicláveis.

Não mediremos esforços para tornar Santo André uma cidade mais digna, justa, igualitária, próspera, humana e sustentável. Isso só será possível ao ouvir a nossa gente, utilizar recursos públicos com eficiência e responsabilidade e atuar no desenvolvimento de políticas públicas. Todas as nossas atividades estarão alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), promovidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) para eliminar a pobreza e a desigualdade, proteger o meio ambiente e assegurar que todos possam desfrutar de paz e prosperidade. Vamos em frente!

Paulo Serra
Prefeito de Santo André
Junho de 2022

RECICLAGEM QUE ALIMENTA, GERA OPORTUNIDADES E ESPERANÇA

Ao discutir o tema reciclagem precisamos ir além da prática que envolve separação, destinação correta e reaproveitamento de resíduos secos. É um assunto complexo, que interliga questões ambientais, econômicas e sociais. A coleta de resíduos recicláveis torna-se uma importante estratégia de fonte de renda e de sobrevivência, principalmente para quem possui baixa escolaridade ou não é alfabetizado, pessoas idosas que não conseguem atuar no mercado formal, moradores em situação de rua, desempregados e pessoas com passagem pelo sistema prisional.

O que para alguns é 'lixo', para milhares simboliza trabalho e renda, alimento, oportunidade, dignidade, esperança e sobrevivência. É também do 'lixo' que ocorrem pequenas e grandes conquistas – há quem consiga, com muito suor, comprar bens materiais, pagar a faculdade do filho e ainda ajudar outras famílias. É por isso que precisamos sempre sensibilizar a população para aderir à coleta seletiva e enxergar os recicláveis como resíduos de valor. Afinal, eles valem vidas, assim como a preservação do meio ambiente e de recursos naturais, a exemplo da água, essencial para a manutenção da vida humana.

Para explorar a importância da reciclagem como atividade econômica, dados da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe) mostram que o Brasil perde R\$ 14 bilhões por ano com a falta de reciclagem. Os gestores, portanto, precisam olhar com cuidado e atenção para esse tema, lembrando sempre de valorizar aqueles que estão na ponta: os catadores, coletores e cooperados.

Neste livro, fruto da pesquisa realizada pelo Semasa em parceria com diversas secretarias da Prefeitura de Santo André, podemos conhecer quem são os catadores, quais são os seus anseios e dificuldades, como estão as questões relacionadas à saúde, educação, moradia, saneamento e trabalho dos profissionais, bem como o cenário do fluxo de comercialização de recicláveis.

A leitura ainda propicia conhecer histórias de vida. Os catadores têm muito a nos dizer. E nós, como sociedade, temos muito o que aprender com todos. O poder público, ao dar voz e praticar uma escuta cuidadosa, deve agir para proporcionar novos e belos capítulos para as histórias de vida dos catadores.

Gilvan Junior
Superintendente do Semasa
Junho de 2022

PREFÁCIO III

INSERÇÃO DOS CATADORES AO SISTEMA FORMAL DE COLETA É UM DESAFIO NECESSÁRIO

Santo André avançou ao longo desses anos em diversas políticas públicas e a gestão de resíduos sólidos é uma das áreas que se destacam, o que nos enche de orgulho. Quando discutia-se no Brasil a importância da integração dos serviços de resíduos, o município progredia na universalização da coleta seletiva porta a porta – Santo André foi a primeira cidade do ABC Paulista a oferecer o serviço, em 1997, e, em 2000, o caminhão de coleta já percorria 100% do território. O município também já se diferenciava com a construção de estações de coleta (ecopontos) e implantação de programas de logística reversa.

Todas essas ações partiram da necessidade de que a sensibilização ambiental sempre fosse o fio condutor, buscando contribuir para a formação de cidadãos mais críticos em relação aos impactos causados ao meio ambiente e que exerçam práticas sustentáveis. Quando a Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei Federal nº 12.305/2010) foi instituída, Santo André se viu à frente de uma ferramenta institucional importantíssima para orientar a gestão de resíduos sólidos. Naquele momento, o Aterro Sanitário Municipal já estava entre os mais bem avaliados do Estado de São Paulo e a cidade possuía avanços significativos na Gestão Integrada de Resíduos Sólidos – um deles foi a formalização das duas cooperativas de reciclagem que existem no município.

Com o advento da Política Nacional de Resíduos Sólidos, um grande desafio foi colocado à gestão pública: a inserção de catadores autônomos de materiais recicláveis ao sistema formal de coleta, isto é, integrando-os às cooperativas.

Esse não é um desafio apenas à gestão municipal de resíduos sólidos, mas também às políticas de inclusão social, trabalho e renda, saúde, educação, moradia e cultura. Este mapeamento de catadores e de comerciantes que trabalham com a compra e venda de materiais secos foi desenvolvido justamente para integrar esses diversos setores, a fim de construir várias frentes de políticas públicas.

O estudo é um valioso instrumento, mas que de nada vale se não existir engajamento da cidade para avançar para além dos dados sistematizados. Este trabalho é, acima de tudo, um compromisso de que a Gestão Integrada de Resíduos Sólidos de Santo André desenvolverá ações que busquem incluir cada vez mais os catadores de materiais recicláveis ao sistema formal de coleta – seja por meio de projetos em parceria com as empresas privadas, universidades ou organizações da sociedade civil.

Santo André já tem buscado criar condições de inclusão social, cultural e ambiental, mas a partir de agora obterá mais facilidade ao conhecer o perfil dos catadores e dos estabelecimentos que realizam o manejo de resíduos recicláveis – esses locais, inclusive, podem ser grandes parceiros no processo de inclusão. O desafio está colocado. Agora, é unir esforços e construir as melhores alternativas para os trabalhadores.

Edinilson Ferreira dos Santos

Diretor do Departamento de Resíduos Sólidos do Semasa

Junho de 2022

PREFÁCIO IV

Este livro é fruto de uma pesquisa realizada no município de Santo André/SP, que teve como principal objetivo compreender a dinâmica dos catadores autônomos e dos estabelecimentos de reciclagem que atuam na cidade. O mapeamento buscou compreender e trazer à tona a realidade socioeconômica dos catadores, o sistema de coleta e de vendas, a remuneração, as condições e outras variáveis do trabalho, além de qualificar e quantificar os principais fluxos de material reciclável na região.

O projeto foi idealizado pelo Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André (Semasa) e executado pela Paineis Pesquisas e Consultoria, com início no segundo semestre de 2021 e término da coleta de dados em fevereiro de 2022. Todo o processo de trabalho foi assistido por uma comissão de acompanhamento e fiscalização formada por gestores e técnicos do Semasa. O conhecimento e/ou reconhecimento da realidade local no segmento de coleta, triagem e venda de material reciclável é base fundamental para a construção de ações que contemplem as necessidades desse segmento, além de contribuir para a assertividade e eficiência das proposituras, subsidiando, assim, a tomada de decisões municipais e embasando os processos de trabalho dos gestores e técnicos das políticas públicas voltadas ao saneamento, meio ambiente e setores correlatos, possibilitando melhor aproveitamento de recursos.

Cabe destacar que o ano de 2021 foi um período atípico, em função da Covid-19, que afetou diretamente milhões de brasileiros. Durante a aplicação da referida pesquisa, foi necessário planejar as atividades seguindo os protocolos sanitários e de segurança recomendados. Apesar dos desafios, a pesquisa foi concluída com êxito e os dados aqui elencados pretendem traduzir a realidade desse período.

Buscou-se apresentar um documento autêntico e de qualidade, sem a pretensão de esgotar dados de uma realidade tão complexa. Que este registro possa ser utilizado nos próximos anos como fonte de informação para a atualização ou aprofundamento de uma problemática social múltipla. Com isso, este projeto foi idealizado de modo que possa retratar o panorama situacional por território, por meio da apresentação de indicadores socioeconômicos construídos com o objetivo de identificar o número e o perfil daqueles que estão sujeitos às vulnerabilidades sociais, bem como as demandas dos estabelecimentos voltados à coleta, reciclagem e venda de materiais recicláveis. Com esta pesquisa, efetiva-se um compromisso com a política ambiental moderna, comprometida com o saneamento e cuidado com o meio ambiente da cidade. Este “RETRATO” possibilita, a partir de agora, o planejamento de ações com vistas à melhoria contínua no saneamento e emancipação de cada cidadão.

Equipe Paineis Pesquisas e Consultoria
Junho de 2022

“Dá pra contar nos dedos quem sabe da importância da reciclagem. [...] Acho que todo mundo deveria colocar na cabeça e ter consciência de que não pode jogar reciclável no rio, ou em qualquer lugar. O ambiente seria mais saudável e a gente iria respirar melhor. A causa das enchentes é por causa de lixo”.

Cristina Maria dos Santos
Catadora de recicláveis



LISTA DE FIGURAS, MAPAS E TABELAS

FIGURA 1	Pesquisadores percorreram todas as ruas de Santo André	32
FIGURA 2	Entrevistados responderam questionário com 81 perguntas	33
FIGURA 3	Perfil dos personagens entrevistados	34
FIGURA 4	Catadores e estabelecimentos mapeados	38
FIGURA 5	Estimativa de catadores que atuam no município	38
FIGURA 6	Raça/Cor	40
FIGURA 7	Perfil dos responsáveis pelo domicílio	41
FIGURA 8	Tipo de moradia	41
FIGURA 9	Saneamento dos domicílios dos catadores, em comparação com as médias do município	43
FIGURA 10	Tempo de trabalho com materiais recicláveis	44
FIGURA 11	Pessoas envolvidas com a coleta de recicláveis no município	45
FIGURA 12	Origem de renda de outras atividades ou benefícios do governo	46
FIGURA 13	Quantidade de catadores egressos do sistema prisional	47
FIGURA 14	Quantidade de animais de estimação por tipo	48
FIGURA 15	Já sofreu algum acidente de trabalho?	53
FIGURA 16	Utiliza equipamentos de proteção/segurança?	54
FIGURA 17	Você sabe como funciona uma cooperativa ou associação?	60
FIGURA 18	Catador descarta resíduos na Estação de Coleta Caminho do Pilar	63
FIGURA 19	Cooperativas empregam mais de 100 pessoas	63
FIGURA 20	Cooperativas promovem melhores condições de trabalho	64
FIGURA 21	Grafitagem se torna aliada para dar visibilidade aos catadores e seus carrinhos	66
FIGURA 22	Contrato de prestação de serviço é um marco importante na relação com cooperativas	66
FIGURA 23	Artistas dão novo visual aos carrinhos dos catadores	67
FIGURA 24	Casa de Acolhimento Andreense possui canil e espaço para guardar carroça	67
FIGURA 25	Centro POP recebe, em média, 100 pessoas por dia	68
FIGURA 26	Representação em faixas de desenvolvimento do IDHM de Santo André	70
FIGURA 27	Catadores de outros municípios realizam rotas de coleta na cidade	70
FIGURA 28	Pandemia da Covid-19 trouxe grandes impactos para os catadores	72
FIGURA 29	Maria e Henrique comentam sobre o trabalho que realizam	74
FIGURA 30	Catadores durante a entrevista para o mapeamento	76
FIGURA 31	Nuvem de palavras com as impressões dos catadores sobre a atividade	84
FIGURA 32	Registro fotográfico	85
MAPA 1	Mapa da localização do município de Santo André/SP	29
MAPA 2	Representação da concentração de catadores que fazem a coleta	52
MAPA 3	Representação geográfica da concentração de catadores que fazem triagem	53
MAPA 4	Representação visual da concentração de catadores por setor	55
MAPA 5	Representação dos tipos de estabelecimentos que atuam com materiais recicláveis	58
MAPA 6	Divisão territorial de Santo André/SP	94

TABELA 1	Tempo de residência em Santo André	39
TABELA 2	Onde residem os catadores que não moram em Santo André	39
TABELA 3	Estado de nascimento dos catadores	40
TABELA 4	Serviços que atendem catadores em situação de rua	42
TABELA 5	Quantidade de dormitórios por domicílio	42
TABELA 6	Escolaridade dos catadores	43
TABELA 7	Quantidade de pessoas que moram com os catadores e trabalham com recicláveis	44
TABELA 8	Pessoas residentes no município envolvidas com coleta de material reciclável	45
TABELA 9	Renda mensal da coleta de material reciclável	45
TABELA 10	Renda bruta familiar	46
TABELA 11	Renda familiar <i>per capita</i>	46
TABELA 12	Quantidade de catadores que recebem benefícios sociais	47
TABELA 13	Animais de estimação que os catadores possuem	48
TABELA 14	Tipo de alimento servido aos animais de estimação	49
TABELA 15	Castração e vacinação dos animais de estimação	49
TABELA 16	Sobre a separação dos materiais recicláveis	52
TABELA 17	Tipos de equipamentos de proteção/segurança utilizados	54
TABELA 18	Doenças adquiridas com a coleta e triagem de materiais recicláveis	54
TABELA 19	Onde você armazena o material até ser vendido?	59
TABELA 20	Preço de venda por kg dos materiais recicláveis	59
TABELA 21	Vínculo empregatício do catador	59
TABELA 22	Por que você trabalha sozinho?	60
TABELA 23	Bairros ou localidades que compõem o setor de coleta seletiva de resíduos recicláveis	93

SIGLATÓRIO

ABRELPE	Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais
APS	Atenção Primária de Saúde
PBF	Programa Bolsa Família
CadÚnico	Cadastro Único da Assistência Social
Centro POP	Centro de Referência Especializado para População de Rua
CRAS	Centros de Referência de Assistência Social
CREAS	Centros de Referência Especializados de Assistência Social
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CF	Constituição Federativa
Coletivo NASA	Núcleo de Ações Socioculturais Ativista
COOP Cidade Limpa	Cooperativa de Trabalho dos Coletores de Resíduos e Limpeza Urbana de Santo André
COOPCICLA	Cooperativa de Reciclagem de Santo André
COVID -19	Coronavírus SARS-CoV-2
CPTM	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
EPC	Equipamento de Proteção Coletiva
EPI	Equipamento de Proteção Individual
GIRSU	Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos Urbanos
GPS	Sistema de Posicionamento Global
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
MEI	Microempreendedor Individual
NBRs	Normas Brasileiras
PEVs	Postos de Entrega Voluntária
PMGIRS	Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos
PMEA	Política Municipal de Educação Ambiental
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
RSU	Resíduos Sólidos Urbanos
SEMASA	Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André
SUS	Sistema Único de Saúde

1. INTRODUÇÃO	20
1.1 Resíduos sólidos urbanos e seus impactos na sociedade	20
1.2 Legislação	22
1.3 O “papel” dos catadores de materiais recicláveis	23
1.4 Saúde dos catadores	24
2. PANORAMA TERRITORIAL	28
3. PERCURSO METODOLÓGICO	32
4. PERFIL DOS CATADORES	38
4.1 Onde vivem e quem são os catadores de Santo André?	39
4.2 Relação familiar, moradia e saneamento	41
4.3 Escolaridade, trabalho e renda	43
4.4 Animais de estimação	48
5. COLETA DE MATERIAIS RECICLÁVEIS	52
5.1 Condições de trabalho na coleta e triagem	53
6. COMERCIALIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	58
7. POLÍTICAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO	62
7.1 Serviços de saúde e assistência social voltados à população vulnerável	67
8. HISTÓRIA DE VIDA DOS CATADORES	70
9. AÇÕES PARA O FUTURO	80
10. CONCLUSÃO	82
10.1 Mensagens e apelos dos catadores	84
11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS	85
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
APÊNDICES	90
Apêndice A: O Projeto	90
Apêndice B: Temas que nortearam o mapeamento	91
Apêndice C: A Marca	92
Apêndice D: Divisão territorial do mapeamento	93

1. INTRODUÇÃO

1.1 RESÍDUOS SÓLIDOS E SEUS IMPACTOS NA SOCIEDADE

O lixo ou resíduo urbano resulta da atividade diária do homem em sociedade, e os principais fatores que regem sua origem e produção são o aumento da população e o desenvolvimento industrial (LIMA, 2004). Para o autor, com o processo de urbanização das cidades, várias mudanças são impostas, sendo uma delas o incremento na produção de alimentos e bens de consumo para suprir as necessidades do mundo contemporâneo, o que acaba por transformar cada vez mais matérias-primas em produtos, gerando, assim, maior quantidade de resíduos.

Para Lima (2004, p.7):

O lixo urbano, por ser inesgotável, torna-se um sério problema para os órgãos responsáveis pela limpeza pública, pois diariamente grandes volumes de resíduos de toda natureza são descartados no meio urbano, necessitando de um destino final adequado.

Os Resíduos Sólidos Urbanos (RSU), ou “lixo”, como é comumente chamado e conhecido no Brasil, tornaram-se um desafio social, econômico e ambiental, sendo imprescindível esforços coletivos para seu manejo, descarte, reciclagem, reaproveitamento e redução, por serem infinitos na sociedade como um todo (PEREIRA A. A, 2012). O desenvolvimento urbano no mundo contemporâneo é, sem dúvida, a intervenção humana que causa maior impacto ao meio natural, pois, à medida que a população aumenta, a interação com o meio também cresce, o que torna mais complexa a relação entre o homem e a natureza, devido à exploração de matéria-prima para produção de bens de consumo e serviços (PHILIPPI et al, 2005, p.827).

De acordo com as Normas Brasileiras (NBRs), resíduos sólidos são todos os resíduos nos estados sólido e semissólido, que resultam de atividades de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e varrição. Ficam incluídos nessa definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos e instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou corpos de água, ou exijam para isso soluções técnicas e economicamente inviáveis em face à melhor tecnologia disponível.

O Brasil gera cerca de 160 mil toneladas de resíduos sólidos urbanos por dia. Desse total, cerca de 40% são passíveis de reutilização e reciclagem, entretanto apenas 13% são efetivamente encaminhados para a reciclagem, deflagra os dados apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2017). O Anuário da Reciclagem aponta que a geração de resíduos sólidos cresceu de 66,7 milhões de toneladas, em 2010, para 79,1 milhões de toneladas, em 2019, uma diferença de 12,4 milhões de toneladas. Cada brasileiro produz, em média, 379,2 kg de resíduos por ano, o que corresponde a cerca de 1 kg por pessoa (ABRELPE, 2020).

Dados recentes do Panorama dos Resíduos Sólidos indicam que o Brasil sofreu incremento na produção de resíduos durante a pandemia da Covid-19, em 2020, tendo alcançado cerca de 82,5 milhões de toneladas geradas ao ano, ou 225.965 mil toneladas diárias. Uma possível razão para o aumento expressivo foram as novas dinâmicas sociais que, em boa parte, foram quase que totalmente transferidas para as residências “trabalho *home office*”, visto que o consumo em restaurantes acabou sendo substituído pelo *delivery* e os demais descartes diários de resíduos passaram a acontecer nas residências, atendidas diretamente pelos serviços de limpeza urbana (ABRELPE, 2021).

O descarte incorreto desses resíduos causa prejuízos direta e indiretamente à saúde das comunidades e do meio ambiente, em face ao ritmo imposto pelo processo produtivo que privilegia o modelo econômico atual, o qual valoriza apenas a produtividade e o consumo sem ter aprendido formas sustentáveis e socialmente justas, equilibrando a produção e o lucro. (STRAUCH, 2008, p.6-11).

A gestão integrada e sustentável dos resíduos sólidos está contemplada na Constituição Federal (CF, 1988) como competência do poder público, que necessita praticar a “redução da produção nas fontes geradoras, o reaproveitamento, a coleta seletiva com inclusão de catadores de materiais recicláveis e a reciclagem, e ainda a recuperação de energia” (KLUNDER et al., 2001; ADEDIPE et al., 2005). O gerenciamento de resíduos sólidos envolve um conjunto de ações normativas, técnicas e operacionais, de planejamento e monitoramento, baseado em critérios ambientais, sanitários e econômicos para destinar corretamente o resíduo gerado (PNRS, 2010). O tratamento e a disposição adequados de resíduos são também uma tomada de decisão política, além de técnica, pois requerem envolvimento de atores diversos, tanto públicos quanto privados amparados em legislação, instrumentos e mecanismos propiciadores de colaboração, gestão e incentivos efetivos para toda sociedade, segundo as autoras (PEREIRA. A. A; MOTTIN, F., 2015).

Cabe destacar que boa parte das administrações públicas municipais têm investido nos serviços públicos de limpeza urbana como forma de manejo para tratar o resíduo urbano de sua responsabilidade, por meio da coleta do resíduo domiciliar (materiais orgânicos e recicláveis), da implantação de aterros sanitários e de investimentos na educação ambiental da população, na tentativa de dar soluções para essa problemática (PEREIRA. A. A; MOTTIN, F., 2015). Apesar de falhas no sistema de gestão, o cenário é de melhorias, aponta um estudo da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE). Os dados sobre a cobertura da coleta de resíduos sólidos urbanos no Brasil aumentaram de 88%, em 2010, para 92%, em 2019, e a quantidade de municípios que contam com o serviço de coleta seletiva ampliou de 56,6% para 73,1%, na comparação entre os dois anos (ABRELPE, 2020).

Ainda existe muito o que se fazer para implementação de políticas públicas que fortaleçam os elos da cadeia produtiva, econômica e social e a formação e capacitação profissional de catadores e outros trabalhadores. É indispensável também que haja o incremento na educação ambiental, para todos os segmentos da sociedade, como forma de ferramenta para o manejo adequado dos resíduos sólidos à população em geral, cabendo à sociedade civil, assim como às empresas, a conexão entre a relação do potencial desperdiçado representado pelo material não coletado e nem reciclado (ABRELPE, 2020).

1.2 LEGISLAÇÃO

A Constituição Federativa do Brasil de 1988 é bastante atual no que se refere à inserção do conceito de sustentabilidade ambiental, preservação e valorização ao meio ambiente, a qual pode ser lida em sua redação, no artigo 225, do capítulo VI, Do Meio Ambiente:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, CF, 1988).

Embora a Constituição Federal seja clara e objetiva, por si só, não tem conseguido equacionar o problema do Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos Urbanos (GIRSU). A ausência de diretrizes claras, de sincronismo entre as fases que compõem o sistema de gerenciamento e de integração dos diversos órgãos envolvidos com a elaboração e aplicação das leis possibilita a existência de fragilidades, que dificultam e flexibilizam o cumprimento da legislação vigente por parte dos geradores de resíduos (PRONEA, 2005). Nesse contexto destaca-se ainda o Marco Legal do Saneamento Básico no Brasil, que se deu pela instituição da Lei nº 11.445/2007, que já determinava diretrizes nacionais para o saneamento básico, na qual estabelecia a contratação de cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis, por parte do titular dos serviços públicos de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, dispensável de licitação (BRASIL, 2007), atualizada pela Lei nº 14.026/2020.

Tendo em vista a manutenção da problemática na gestão adequada dos resíduos sólidos urbanos, instituiu-se no Brasil a Lei nº 12.305/2010, que cria a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), com o Decreto nº 10.936, de 12 de janeiro de 2022, que regulamenta a política. A lei dispõe sobre seus princípios, objetivos e instrumentos, bem como sobre as diretrizes relativas à gestão integrada e ao gerenciamento de resíduos sólidos, incluídos os perigosos, às responsabilidades dos geradores e do poder público e aos instrumentos econômicos aplicáveis (BRASIL, 2010). A Política Nacional de Resíduos Sólidos é muito clara e determina que o sistema de coleta seletiva priorizará a participação de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis constituídos por pessoas físicas de baixa renda (BRASIL, 2010). A participação ativa dos catadores na gestão integrada de resíduos sólidos estabelece como alguns de seus princípios o “reconhecimento do resíduo sólido reutilizável e reciclável como um bem econômico e de valor social, gerador de trabalho e renda e promotor de cidadania” e a “responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos”.

Dentre os instrumentos da PNRS, tem-se o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMGIRS), definido como um importante instrumento de planejamento, em que o município de Santo André passa a contar com um roteiro estruturado que orienta a atuação do poder público na gestão integrada dos resíduos gerados no território.

O crescimento demográfico, a transformação do cenário econômico, a ampliação do consumo e mudanças comportamentais da população geram impactos diretos na gestão de resíduos sólidos, fazendo com que seja imprescindível a revisão do plano,

visando buscar estratégias e soluções para a não geração e redução de resíduos, fortalecimento da coleta seletiva e diminuição de materiais que tornam-se rejeitos e têm como destino os aterros sanitários.

Cabe ressaltar que, para que o PMGIRS obtenha êxito, também faz-se necessário investir em campanhas, programas e ações de sensibilização e educação ambiental, visando à adoção de práticas sustentáveis pela sociedade e a otimização de indicadores da gestão de resíduos sólidos. Santo André possui uma Política Municipal de Educação Ambiental (PMEA), Lei nº 9.738/2015, que fortalece o princípio de que, por meio da educação ambiental e de processos participativos e contínuos, é possível estimular o convívio sustentável com o meio ambiente e despertar nas pessoas valores, atitudes, habilidades e conhecimentos que transformem a relação do ser humano com o ambiente onde se vive.

Com a instituição da Política Nacional de Resíduos Sólidos, a inserção de catadores autônomos de materiais recicláveis tornou-se peça fundamental dentro da cadeia produtiva da reciclagem. No ano de 2015, foi realizado o último mapeamento dos catadores do município de Santo André, por meio da obtenção de informações de perfil socioeconômico, sistema de coleta, sistema de vendas, remuneração e outras variáveis do trabalho, qualificando e quantificando os principais fluxos de materiais recicláveis. A pesquisa constatou que a população de catadores estimada para Santo André, em 2015, era de 569 pessoas (PMGIRS, 2019). No entanto, em sete anos, desde a elaboração do último estudo, o cenário sanitário, econômico e social do Brasil e do município se alterou, acarretando num aumento de catadores informais.

Desta maneira, reconhecendo a importância do papel ambiental dos catadores informais no município de Santo André, foi pensada numa visão futura a participação efetiva deles na gestão de resíduos. Prevendo a manutenção das cooperativas existentes, a criação de um banco de dados e ações de incentivo à correta segregação dos resíduos, é proposta a instalação de uma terceira cooperativa a curto prazo ou ampliação do turno de trabalho nas cooperativas já existentes.

O novo mapeamento dos catadores informais do município é a primeira etapa para que seja possível conhecer e entender o perfil social desses importantes atores e, a partir do diagnóstico, traçar políticas públicas visando à incorporação dos catadores na gestão de resíduos sólidos urbanos.

1.3 O “PAPEL” DOS CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS

Os catadores de resíduos sólidos recicláveis e reutilizáveis estão em todos os cantos das cidades brasileiras, seja nas periferias, em bairros nobres, comerciais, industriais, nas grandes capitais e cidades do interior. Os profissionais passam diariamente pelas ruas coletando, muitas vezes, com ajuda de carrinhos improvisados, uma série de produtos desprezados e deixados para trás pela sociedade e, com criatividade e esforço coletivo, dão a eles novas funções (PEREIRA, A. A; MOTTIN, F., 2015). Eles contribuem decisivamente para o aumento da vida útil

dos aterros sanitários e para a diminuição da demanda por recursos naturais, à medida que abastecem as indústrias recicladoras para reinserção dos resíduos em suas ou em outras cadeias produtivas, em substituição ao uso de matérias-primas virgens (BRASIL, 2015). Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) apontam que os catadores são responsáveis por quase 90% do resíduo reciclado no Brasil (IPEA, 2013).

A atividade de “catador de material reciclável” foi reconhecida como categoria profissional, registrada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), 2002, sob nº 5192-05, com o título de ‘trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável’. Nessa classificação, os catadores são responsáveis por coletar o material reciclável e reaproveitável, vender, selecionar, preparar o material para expedição, realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho, divulgar o trabalho de reciclagem, administrar o trabalho e trabalhar com segurança” (BRASIL, 2002).

Embora o catador não possua uma posição estabelecida no âmbito das estatísticas oficiais, por se tratar de uma maioria de trabalhadores informais, o Censo Demográfico de 2010 constatou a existência de 387.910 pessoas em todo o território brasileiro que se declararam catadoras como sua ocupação principal (IBGE, 2010). Estudo inédito do IPEA revela que são cerca de 400 mil catadores de resíduos sólidos em todo o Brasil, mas somados os membros das famílias contabiliza-se 1,4 milhão de brasileiros que sobrevivem de resíduos secos (IPEA, 2013). A maioria dos catadores são homens jovens e negros. Eles têm baixa escolaridade e vivem nas cidades com renda média de R\$ 571,56, com relações de trabalho fortemente marcadas pela informalidade, baixa cobertura previdenciária e residentes em áreas urbanas com deficiências de infraestrutura domiciliar grave (LISBOA, 2013).

A gestão dos resíduos sólidos recicláveis urbanos sob a ótica econômica e técnica é capaz de minimizar os impactos ambientais por meio da coleta, destinação adequada e reciclagem, além de contribuir diretamente na geração de renda e inclusão social da população de catadores, garantindo-lhes o exercício da cidadania com condições dignas de trabalho e acesso a serviços públicos (ABRELPE, 2020).

1.4 SAÚDE DOS CATADORES

Os catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis desempenham papel fundamental na sociedade, contribuindo diretamente para a saúde coletiva da população, qualidade do meio ambiente e desenvolvimento da economia no Brasil. A atuação desses profissionais, em muitos casos, é realizada sob condições precárias de trabalho. A maioria exerce o trabalho individualmente, de forma autônoma e dispersa nas ruas e em lixões. Coletivamente, acontece por meio da organização produtiva em cooperativas e associações (PEREIRA, A. A; MOTTIN, F., 2015). Em suas tarefas, os catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis enfrentam condições adversas no dia a dia, como trabalho exercido a céu aberto, com horários variados, expostos a diversos riscos em decorrência da manipulação do material, da variação climática, dos acidentes de trânsito e da violência urbana (CRIVELLARI et al, 2008).

Ao revirar lixeiras à procura do que pode ser sua matéria-prima, os catadores ficam em contato direto e diário com materiais que podem provocar sérios danos à saúde. Eles têm os seus corpos expostos à contaminação de produtos químicos; a resíduo hospitalar; aos animais mortos; à contaminação por via oral de gases e odores emanados por resíduos; ao risco de picadas de insetos e mordedura de animais; ao contato com materiais perfurocortantes; e ao risco de acidentes por atropelamento em vias públicas (OLIVEIRA, 2011). Danos à saúde mental também são constantes, pois esses sujeitos sofrem discriminação e humilhação pelo trabalho socialmente desvalorizado que realizam, com agressões verbais focadas nos estigmas que eles carregam: “mendigos”, “marginais”, “sujos” e “ladrões” (ZACARIAS; BAVARESCO, 2009; SELIGMANN-SILVA, 2011). Pelo conjunto de aspectos elencados anteriormente, os trabalhadores da reciclagem são considerados uma população vulnerável, sendo imprescindível levar em consideração esses fatores para o planejamento de ações.

A Lei Orgânica da Saúde – Lei 8.080 de 19 de setembro de 1990 – foi criada para regulamentar o Sistema Único de Saúde (SUS), criado na Constituição Federal de 1988. A lei dispõe sobre as condições para a promoção, a proteção e a recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e outras providências de acesso a todos os brasileiros, incluindo-se também a saúde do trabalhador (BRASIL, 1990).

A saúde do trabalhador se dá num conjunto de atividades do campo da saúde coletiva que se destina, por meio das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, visando à promoção e à proteção da saúde, assim como à recuperação e reabilitação da saúde dos profissionais submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho (BRASIL, 1990). O modelo ideal para o enfrentamento de situações de saúde para populações vulneráveis, como é o caso dos trabalhadores da reciclagem, é a Atenção Primária à Saúde (APS) (GIOVANELLA; MENDONÇA, 2012).

Nas pesquisas realizadas sobre a temática, as condições de trabalho do catador são pouco estudadas, o que torna necessária a intensificação de pesquisas que tenham como base as dificuldades do catador de material reciclável em sua rotina de trabalho, de acordo com os autores (CARDOZO; MOREIRA, 2015; GALON; MARZIALE, 2016). O trabalho decente, a vida saudável e o bem-estar humano são temas que estão contemplados dentro da agenda 2030, dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs), da Organização das Nações Unidas (ONU), contribuindo para a melhoria das condições de trabalho e de saúde desses profissionais (ONU, 2015).







**MAPEAMENTO DOS CATADORES
DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ**

Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

2. PANORAMA TERRITORIAL

Santo André é um dos municípios do Estado de São Paulo, localizado na Zona Sudeste da Grande São Paulo, parte da Região Metropolitana, com área territorial de 175,8 km² e população estimada de 723.889 habitantes (IBGE, 2021). O município, uma das cidades que compõem o chamado ABC Paulista, desenvolveu-se no eixo rodoferroviário de conexão com o litoral paulista e a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, principal conexão férrea entre o interior paulista e o porto de Santos. O nome do município remonta à antiga vila de Santo André da Borda do Campo. A vila foi fundada por João Ramalho, que se uniu à índia Bartira, filha do cacique Tibiriçá, da tribo dos Guaianases. Em 8 de abril de 1553, o seu pedido de transformar a região onde vivia em vila foi atendido pelo governador-geral Tomé de Sousa.

Em 1558, Ramalho passou a governar a vila como alcaide-mor. Em 1560, devido às rivalidades entre os padres jesuítas de Piratininga e o alcaide, além dos conflitos com os povos indígenas da Confederação dos Tamoios, o governador-geral Mem de Sá decidiu transferir a vila para os campos de Piratininga, onde, desde 1554, já se localizava o Colégio de São Paulo – erguido no atual Pátio do Colégio. Em 1889, foi instalado o município de São Bernardo, que incluía o território denominado “Grande ABC”, que corresponde a Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. O nome “Santo André” só ressurgiu em 1910, com a criação de um distrito às margens da São Paulo *Railway* ou Estrada de Ferro Santos-Jundiaí.

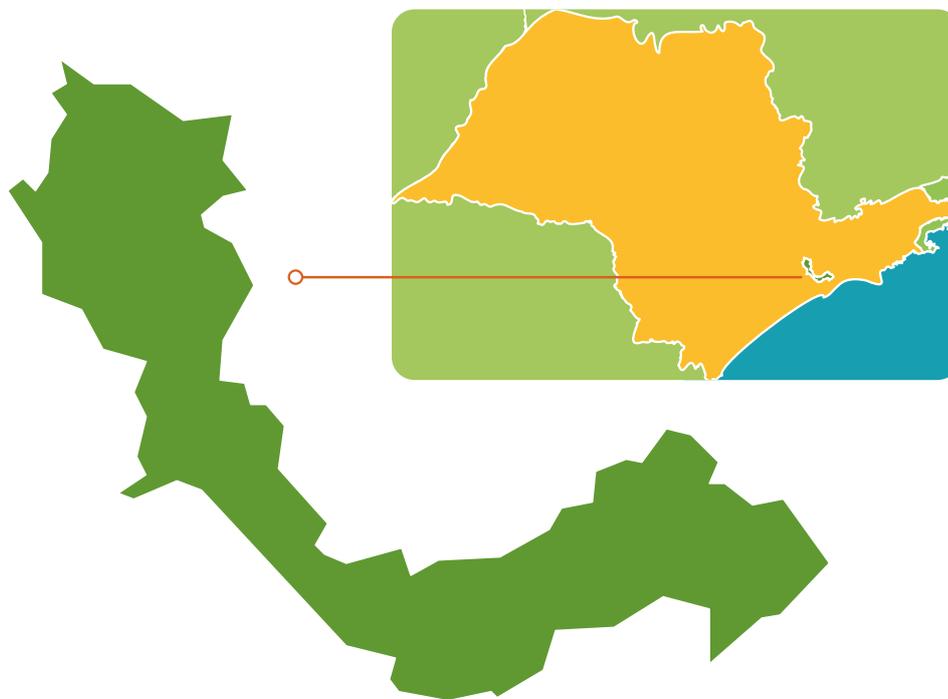
Por esse caminho passaram muitos grupos de imigrantes vindos, principalmente, da Europa, e toneladas de mercadorias com destino ao principal porto do país. Sobre as mercadorias, destaca-se o café, principal produto de exportação brasileira nos séculos XIX e início do século XX. Importante lembrar que foi justamente da riqueza produzida pelo café que os primeiros empresários tomaram o impulso para a industrialização brasileira. Na segunda metade do século XX, eles encontraram um setor econômico a ser explorado com a chegada das grandes indústrias automotivas à região. O ABC Paulista se tornou o principal eixo de desenvolvimento do país, atraindo milhares de migrantes, principalmente nordestinos.

A mudança do paradigma de transporte, priorizando o transporte modal rodoviário em detrimento da ferrovia, fez com que o transporte via ferrovia perdesse seu protagonismo ao longo do tempo. Entretanto, a antiga ferrovia Santos-Jundiaí, agora integrada à malha ferroviária da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), continua sendo uma opção de transporte que favorece o desenvolvimento urbano da cidade. Com três estações localizadas em Santo André, a CPTM atravessa toda a porção central do município, seguindo a várzea do rio Tamanduateí – importante afluente do rio Tietê que nasce no município de Mauá, atravessa Santo André, margeia São Caetano e passa também na região central da própria capital. A avenida dos Estados, importante eixo de ligação rodoviária entre o centro da capital e as cidades limítrofes da Zona Leste paulistana com o ABC, também segue a calha do rio Tamanduateí, atravessando a região central da cidade.

Esses eixos de transporte moldaram a forma de ocupação do território andreense. Seus bairros centrais estão localizados nas margens desses dois eixos de transporte que correm paralelamente em direção Leste/Oeste, na porção Centro/Capuava, e Sudeste/Noroeste, na porção Centro/Utinga. A partir desse eixo central se originam sistemas viários que conectam quatro vias arteriais em direção ao Leste, Sul e Sudoeste: as avenidas Prestes Maia, Pereira Barreto, Capitão Mário Toledo de Camargo e Santos Dumont, que se torna avenida Giovanni Batista Pirelli após a praça 14 Bis, fazendo a conexão com a cidade de Mauá. Ao norte do eixo central, as principais vias arteriais na direção Centro/Bairro são as avenidas Antônio Cardoso, Itamarati e Jorge Beretta, Presidente Costa e Silva – continuação da avenida dos Estados após a divisa com Mauá – e, na parte Nordeste do município, a avenida das Nações.

Santo André se divide em duas macrozonas: urbana e de proteção ambiental. É nos arredores desses eixos rodoviários que a cidade se desenvolveu ao longo dos anos, integrada à mancha urbana da Região Metropolitana de São Paulo, sendo limitada ao Sul pelas áreas de manancial do Parque Estadual da Serra do Mar e ao Norte pela Zona Leste da capital, fazendo divisa com outros municípios, como Rio Grande da Serra, São Bernardo do Campo, São Caetano, Ribeirão Pires, Suzano, Mogi das Cruzes, Cubatão e Santos, no litoral paulista. 55% do território andreense é composto por área de proteção ambiental, onde residem apenas 5% da população total da cidade. Os outros 95% estão na macrozona urbana.

Mapa 1 – Mapa da localização do município de Santo André/SP



Fonte: Prefeitura de Santo André, 2013. Elaboração: Painel Pesquisas e Consultoria, 2022.





**MAPEAMENTO DOS CATADORES
DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ**

Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

3. PERCURSO METODOLÓGICO

O projeto denominado “Pesquisa para Mapeamento dos Catadores de Material Reciclável em Santo André” foi idealizado pelo Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André (Semasa), a fim de conhecer o quantitativo, coletar informações qualitativas, identificar e compreender, sob a perspectiva dos catadores, a realidade social e a cadeia produtiva do resíduo sólido reciclável, desde a coleta, triagem e comercialização, bem como para entender com maior profundidade o público-alvo e subsidiar ações voltadas ao desenvolvimento de políticas públicas do setor.

Para o mapeamento dessa população, considerou-se a definição de Populações Raras, que possui quantidade pequena de indivíduos em relação ao contingente total. Segundo McDonald (2004), também pode ser definida como indivíduos dispersos em grandes territórios e que representam apenas uma fração da população total do ambiente.

Tal conceito se aplica para esta pesquisa, considerando o dinamismo das atividades de trabalho dos catadores de material reciclável e na sua distribuição territorial. Cabe ressaltar os preceitos de Kalton (2001), que afirma que umas das questões-chave para se escolher a técnica adequada para estudar as populações raras é a disponibilidade de um marco amostral. Todavia, quando não se tem esse dimensionamento populacional, algumas metodologias são aplicadas e corroboram para a mensuração desse público.

Figura 1 – Pesquisadores percorreram todas as ruas de Santo André



Portanto, uma das técnicas utilizadas no processo de dimensionamento foi a lista especial. Segundo Kalton (2001), o uso de listas, mesmo que incompletas, pode ser muito eficiente ao mostrar Populações Raras. Com uma amostra adicional é possível estimar o viés da lista e, com isso, buscar suplementar as informações com dados advindos de outras fontes (AFFONSO, 2008). Para isto, utilizou-se a relação de catadores inseridos no Cadastro Único da Assistência Social (CadÚnico), do Governo Federal, que tem identificado as famílias que trabalham com a coleta de material reciclável dentro do município.

Uma técnica utilizada para esse tipo de população, aplicada neste projeto, foi a amostragem em localidades. “A amostragem em localidades consiste na amostragem de pessoas que vão a locais específicos” (AFFONSO, 2008). Portanto, buscou-se mapear os principais pontos onde pudesse haver concentração ou incidência de catadores. Nesta perspectiva, considerando que a população referida tem como objetivo coletar os materiais recicláveis, uma das primeiras ações realizadas na etapa de planejamento foi percorrer todos os setores de coleta de resíduos secos, como igualmente examinar com precisão os depósitos de vendas de resíduos recicláveis, como ferros-velhos e sucateiros, além de mapear tais pontos.

Como eixo central da metodologia, aplicou-se o conceito de território, de modo a compreender a perspectiva do fluxo em que os catadores, com suas dinâmicas de trabalho, interagem no município. O conceito de território tem como característica a jurisdição e o pertencimento a um certo estado ou município com limites territoriais que determinam o campo de ação, portanto a limitação geográfica constituiu-se de todo o território de Santo André.

Figura 2 – Entrevistados responderam questionário com 81 perguntas



A logística de campo considerou a divisão dos setores de coletas de resíduos secos, cuja dinâmica de vida da população em descartar os recicláveis acompanha o calendário de coleta. Neste sentido, constatou-se em campo que a maior concentração dos catadores está no horário que antecede a passagem do caminhão da coleta nos respectivos bairros que compõem os setores e que os catadores se antecipam recolhendo os recicláveis de maior valor e/ou reutilizáveis na vida prática. Portanto, utilizou-se essa informação para organizar estrategicamente a equipe de campo.

Outra técnica utilizada em campo, e que será detalhada a seguir, são os dados coletados a partir das histórias de vida dos catadores, que visam ilustrar as dinâmicas da catação no município de Santo André e a relação dos profissionais com a sua atividade laboral. Para o levantamento das histórias, foram consideradas anotações feitas pelas equipes de pesquisadores, durante a abordagem de viés quantitativo.

Esta publicação traz à tona, além de dados quantitativos, relatos, histórias, perspectivas e vivências de cinco entrevistados. Os perfis dos personagens foram traçados a partir de aspectos sociais e de suas compreensões sobre a atividade de catador de material reciclável. Três entrevistados moram em Santo André e dois residem em São Paulo, mas realizam a catação em território andreense, perfil representativo da amostra coletada nas entrevistas quantitativas.

As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro semiestruturado e os temas abordados referem-se à relação do personagem com o território, a catação e com a sua comunidade, além da expectativa pessoal com os resultados desta pesquisa. A estratégia para a aplicação do roteiro foi lançar luz sobre alguns aspectos importantes para complementar a análise a partir dos dados quantitativos. A seguir, um breve perfil dos cinco personagens:

Figura 3 – Perfil dos personagens entrevistados



Maria Pereira e Henrique Pereira, mãe e filho que moram no Sítio dos Vianas, em Santo André, e trabalham juntos como catadores de material reciclável. A mãe faz a coleta de resíduos secos na parte da manhã, enquanto o filho trabalha nos períodos da tarde e noite.

Edmilson Bernardo Balbino, morador do bairro Jardim Santo André, em São Paulo, que recolhe resíduos recicláveis em Santo André há trinta anos, antes mesmo de a cidade implantar o serviço de coleta seletiva porta a porta. Para realizar o trabalho no município, pega um ônibus e utiliza uma carroça emprestada.





Gyrlanne Oliveira Alves Rodrigues, moradora do bairro Recreio da Borda do Campo, em Santo André, que trabalha com o marido como catadora há quase 20 anos. O casal utiliza o próprio carro para recolher os materiais, armazenando-os em um salão que fica na casa deles para vendê-los em grande quantidade.

Moradora de São Paulo, na região do bairro Jardim Elba, divisa com o município de Santo André, Cristina Maria dos Santos trabalha com reciclagem desde que conheceu o marido. Ela diz que tudo o que conquistou foi graças à profissão de catadora, que a permitiu construir a casa e criar os três filhos.



Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

Como a ideia central da pesquisa era mapear o universo dos catadores do município de Santo André, foi necessário desconstruir a noção de pertencimento de limites geográficos, afinal, a cidade é considerada uma zona de conurbação, onde as habitações são contínuas e os limites imaginários. Houve certa dificuldade de delimitar no município, por meio de mapas e satélites, a real ocupação do território. Era importante para a pesquisa compreender quem realiza a atividade de catação na cidade, independentemente se executa todo o processo dentro dos limites da municipalidade, para a análise do fluxo desses atores e seus materiais de trabalho no território. Os pesquisadores encontraram um grupo bem diversificado de trabalhadores. Foram entrevistadas desde pessoas desabrigadas, que se encontram vivendo nas ruas, até empreendedores, que coletam resíduos de prédios de luxo.

Em todo o processo de pesquisa, as equipes de coordenação e supervisão atentaram-se para a qualidade da abordagem e da pesquisa aplicada, para os deslocamentos realizados dia a dia e para os *inputs* da equipe de análise qualitativa. A conclusão do trabalho dentro dos parâmetros de execução da pesquisa e com a qualidade aferida só foi possível por meio da tomada de decisões em tempo real e do engajamento da equipe de pesquisadores, valorizando sempre uma abordagem humana e respeitosa.





**MAPEAMENTO DOS CATADORES
DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ**

Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

4. PERFIL DOS CATADORES

A seguir, serão apresentados os resultados da “Pesquisa para Mapeamento dos Catadores de Material Reciclável em Santo André”, realizada por meio de entrevista direta com os catadores que atuam no município. No estudo quantitativo, foram localizados 1.201 catadores, além de 103 estabelecimentos que participaram da pesquisa. Dos 1.201 profissionais, 348 (29%) se recusaram a participar e 853 (71%) aceitaram responder à pesquisa, representando uma amostra significativa que retrata a realidade dos catadores que atuam no município.

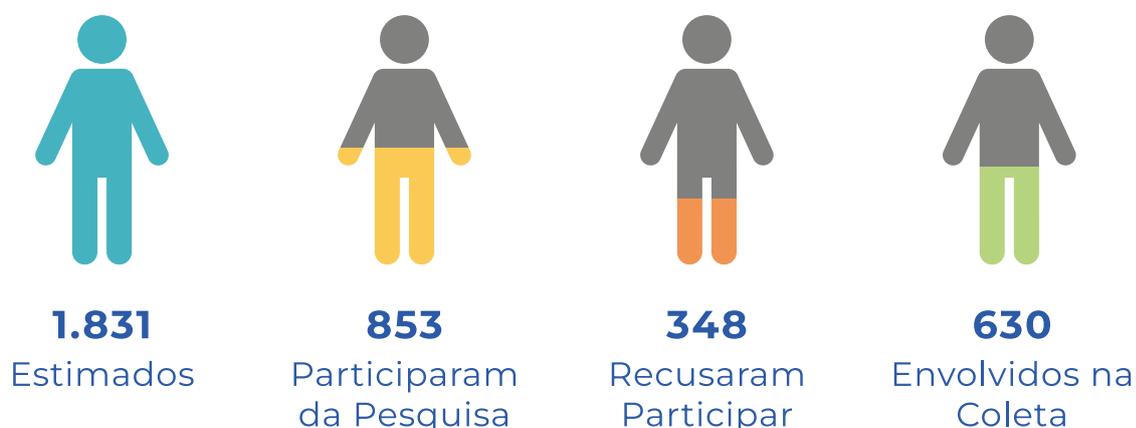
Figura 4 – Catadores e estabelecimentos mapeados



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Os 853 respondentes citaram mais 630 pessoas envolvidas com a coleta de materiais recicláveis, portanto estima-se a existência de 1.831 catadores em Santo André.

Figura 5 – Estimativa de catadores que atuam no município



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

4.1. ONDE VIVEM E QUEM SÃO OS CATADORES DE SANTO ANDRÉ?

Dos 853 catadores que aceitaram participar do mapeamento, 757 (88,7%) responderam morar em Santo André. Desse total, 460 (60,8%) residem há mais de 20 anos no município. A maior população de catadores de material reciclável encontra-se nos bairros do setor 13 (Cata Preta, Jardim Cipreste, Condomínio Maracanã, Vila Guaraciaba, Jardim Guarará, Jardim Ipanema, Jardim Irene, Vila João Ramalho, Vila Lutécia, Vila Luzita, Vila Rica, Jardim Santa Cristina, Jardim Santo André, Santo André CDHU, Sítio dos Vianas, Vila Suíça, Jardim Teles de Menezes e Vila Tibiriçá). Trata-se de uma região periférica, com 28,4% do total de catadores residentes nesses bairros.

Tabela 1 – Tempo de residência em Santo André

Resposta	Quant.	(%)	
1 ano ou menos	36	4,8%	
De 2 a 5 anos	75	9,9%	
De 6 a 10 anos	76	10,0%	
De 11 a 20 anos	110	14,5%	
Mais de 20 anos	460	60,8%	
Total	757	100,0%	

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Dos 96 (11,2%) catadores que responderam não morar em Santo André, 49 (51%) residem em São Paulo, 11 (11,5%) em São Bernardo do Campo e 19 (19,8%) em São Caetano do Sul.

Tabela 2 – Onde residem os catadores que não moram em Santo André

Resposta	Quant.	(%)	
São Paulo	49	51,0%	
São Bernardo do Campo	11	11,0%	
São Caetano do Sul	19	20,0%	
Mauá	13	14,0%	
Outros municípios	4	4,0%	
Total	109	100,0%	

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Dos profissionais que não moram em Santo André, 48 (50%) relataram que coletam na região, principalmente, porque o município possui melhor qualidade e maior quantidade de materiais recicláveis. Dos 853 catadores respondentes da pesquisa, 405 (47,5%) afirmaram ter nascido em Santo André.

Dos 448 (52,5%) que responderam não ter nascido em Santo André, 238 (53,1%) são de outros municípios do Estado de São Paulo.

Tabela 3 – Estado de nascimento dos catadores

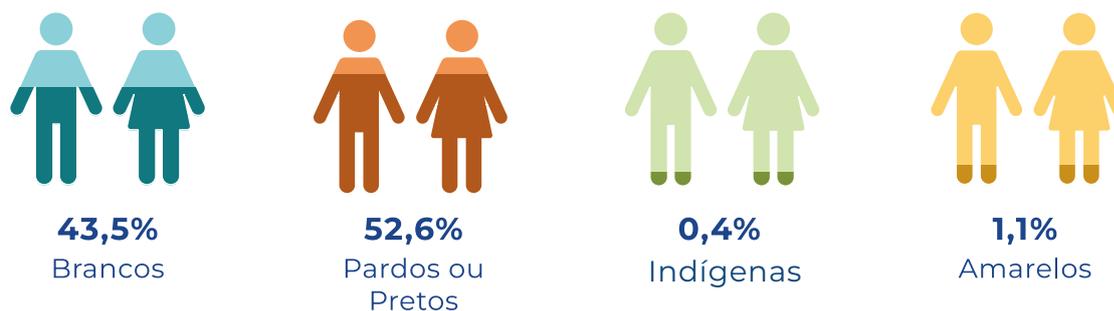
Estado de nascimento	Quant.	(%)
São Paulo (SP)	238	53,1%
Bahia (BA)	55	12,3%
Pernambuco (PE)	37	8,3%
Minas Gerais (MG)	31	6,9%
Paraná (PR)	16	3,6%
Alagoas (AL)	14	3,1%
Rio de Janeiro (RJ)	12	2,7%
Paraíba (PB)	11	2,5%
Ceará (CE)	10	2,2%
Piauí (PI)	6	1,3%
Rio Grande do Norte (RN)	3	0,7%
Sergipe (SE)	3	0,7%
Maranhão (MA)	2	0,4%
Não é do Brasil	2	0,4%
Santa Catarina (SC)	2	0,4%
Espírito Santo (ES)	1	0,2%
Goiás (GO)	1	0,2%
Mato Grosso (MT)	1	0,2%
Mato Grosso do Sul (MS)	1	0,2%
Pará (PA)	1	0,2%
Tocantins (TO)	1	0,2%
Respondentes	448	100,0%

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Em relação ao sexo, 635 (74,4%) catadores afirmaram ser do sexo masculino, 199 (23,3%) do sexo feminino e 19 (2,2%) não informaram. Sobre a idade, 207 (43,8%) catadores estão na faixa-etária de 40 a 49 anos e 171 (20%) possuem 60 anos ou mais.

Sobre a cor/raça dos entrevistados, 449 (52,6%) se autodeclararam trabalhadores negros e 371 (43,5%) afirmaram ser brancos. É importante destacar que foram entrevistados 8 catadores adolescentes (de 12 a 17 anos) e 3 indígenas.

Figura 6 – Raça/Cor

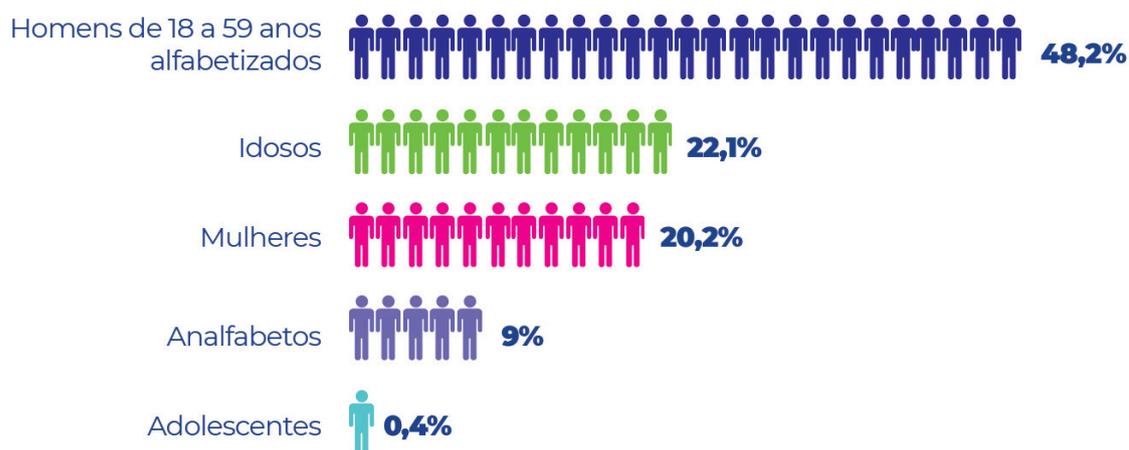


Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

4.2 RELAÇÃO FAMILIAR, MORADIA E SANEAMENTO

Quanto ao estado civil dos catadores, 47,2% são casados, em união estável ou amasiados e 36,8% são solteiros. Dos entrevistados, 81,7% são os responsáveis pelo domicílio. Ao analisar o perfil deles, percebe-se que os percentuais de responsáveis adolescentes, analfabetos, mulheres e idosos são maiores do que as médias do município.

Figura 7 – Perfil dos responsáveis pelo domicílio

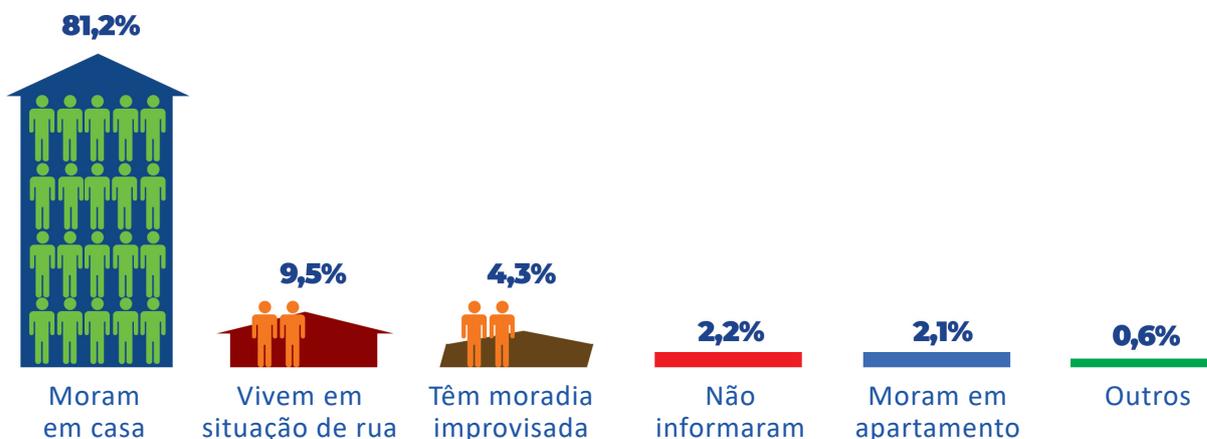


Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021; IBGE, 2010

Dos 853 catadores entrevistados, 22,5% moram sozinhos, 26,6% moram com duas pessoas e 20,6% residem com três pessoas. Além disso, 31,9% informaram não ter filhos, 20,0% têm um filho, 19,3% têm dois filhos e 25,9% têm três filhos ou mais.

A grande maioria dos catadores (88,3%) possui moradia, seja casa, apartamento ou quarto. Entretanto, 81 pessoas (9,5%) vivem em situação de rua e 37 (4,3%) têm moradia improvisada.

Figura 8 – Tipo de moradia



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021.

Dos 81 catadores vivendo em situação de rua, apenas 19,8% responderam ser atendidos por algum serviço no município. Dentre os serviços citados, destaca-se o Centro de Referência Especializado para População de Rua (Centro POP).

Tabela 4 – Serviços que atendem catadores em situação de rua

Resposta	Quant.	(%)	
Centro Pop	7	43,8%	
Outro	4	25,0%	
CRAS	3	18,8%	
CAPS	2	12,5%	
Unidade de saúde	2	12,5%	
Albergue	1	6,3%	
Respostas	19		
Respondentes	16	*	

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

*O mesmo respondente poderia dar mais de uma resposta, ainda assim o cálculo do percentual é feito sobre o total de respondentes

Dos 853 catadores que participaram da pesquisa, 47,8% possuem domicílio com apenas 1 dormitório, totalizando 1.105 moradores, o que corresponde a uma média de 2,7 pessoas em cada dormitório.

Tabela 5 – Quantidade de dormitórios por domicílio

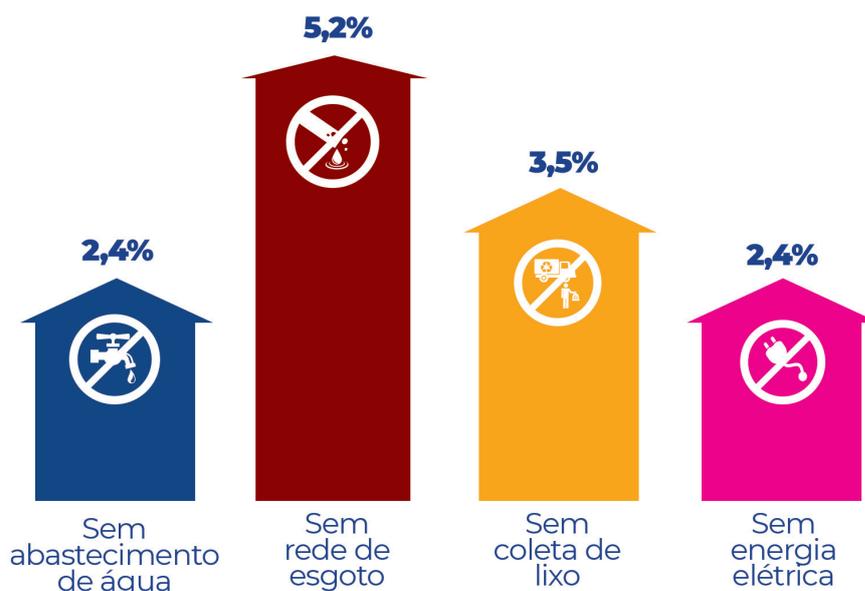
Quantidade de dormitórios	Respondentes	Total de moradores	Total de dormitórios	Moradores por dormitório
1 dormitório	408	1.105	408	2,7
2 dormitórios	302	1.025	604	1,7
3 dormitórios	32	131	96	1,4
4 dormitórios ou mais	9	37	41	2,3
Não informado	2	3	-	-
Total geral	753	2.301	1.149	2,0

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Quanto ao saneamento nos domicílios dos catadores, 2,4% não possuem abastecimento de água, 5,2% não têm rede de esgoto, 3,5% não possuem coleta de resíduos e 2,4% estão sem energia elétrica. Com exceção à rede de esgoto, todas as taxas de falta de saneamento básico nos domicílios dos catadores são maiores do que as médias do município.

De acordo com o IBGE (2019), a população negra, maioria entre os catadores, reside em locais onde não há coleta de resíduos (12,5%, contra 6,0% da população branca), em áreas sem abastecimento de água por rede geral (17,9%, contra 11,5% da população branca) e sem esgotamento sanitário por rede coletora ou pluvial (42,8%, contra 26,5% da população branca), implicando condições de vulnerabilidade e maior exposição a vetores de doenças.

Figura 9 – Saneamento dos domicílios dos catadores, em comparação com as médias do município



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

4.3 ESCOLARIDADE, TRABALHO E RENDA¹

Com relação à escolaridade, 37,7% dos catadores não concluíram o Ensino Fundamental, 9,1% não sabem ler e nem escrever e 6,1% sabem ler e escrever pelo menos um bilhete.

Tabela 6 – Escolaridade dos catadores

Resposta	Quant.	(%)
Sem instrução (não sabe ler nem escrever)	78	9,1%
Sabe ler e escrever pelo menos um bilhete	52	6,1%
Ensino Fundamental 1 Incompleto	180	21,1%
Ensino Fundamental 1 Completo	105	12,3%
Ensino Fundamental 2 Incompleto	142	16,6%
Ensino Fundamental 2 Completo	56	6,6%
Ensino Médio Incompleto	111	13,0%
Ensino Médio Completo	89	10,4%
Superior Incompleto	14	1,6%
Superior Completo	6	0,7%
Pós-graduação	1	0,1%
Não informado	19	2,2%
Respondentes	853	100,0%

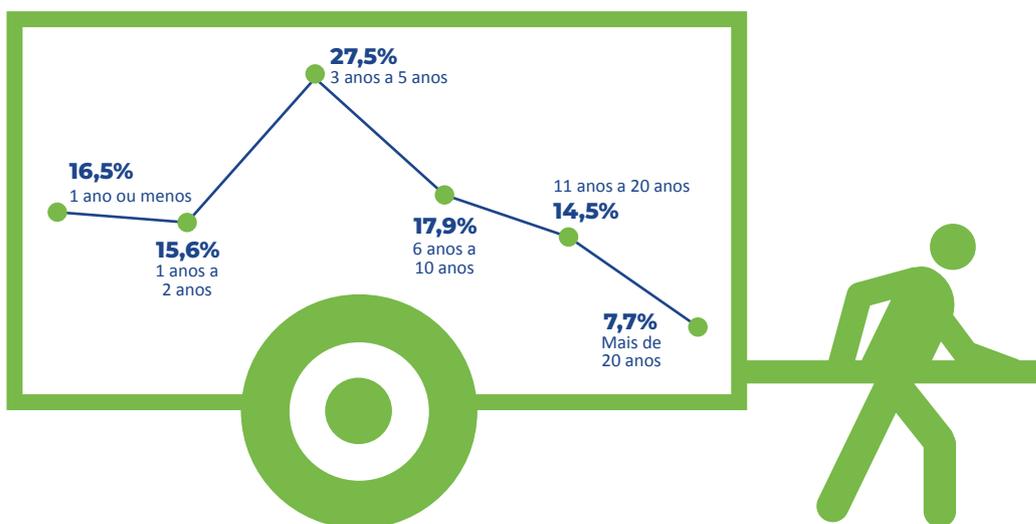
Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

¹ A maioria dos catadores são homens jovens e negros. Eles têm baixa escolaridade e vivem nas cidades com renda média de R\$ 571,56, com relações de trabalho fortemente marcadas pela informalidade, baixa cobertura previdenciária e residentes em áreas urbanas com deficiências de infraestrutura domiciliar grave (LISBOA, 2013).

Dos 853 entrevistados, 274 (32,1%) trabalham com coleta de materiais recicláveis há 2 anos ou menos, ou seja, iniciaram no período de pandemia da Covid-19, marcado pelo aumento da inflação, queda no poder de compra e agravamento do desemprego. Isso reflete a importância do trabalho da catação como uma atividade informal, sobretudo para desempregados, pessoas em situação de rua, pessoas idosas que não conseguem atuar no mercado formal e pessoas com passagens pelo sistema prisional, baixa escolaridade e não alfabetizadas. Dos entrevistados, 67,8% trabalham há 3 anos ou mais.

Dos 853 catadores entrevistados, 42,4% responderam ter um ou mais moradores na família que também atuam com a coleta de material reciclável.

Figura 10 – Tempo de trabalho com materiais recicláveis



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

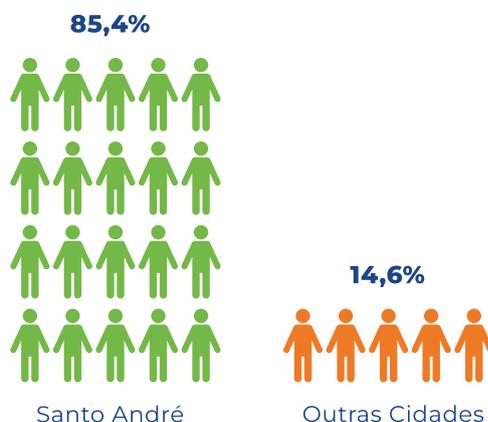
Tabela 7 – Quantidade de pessoas que moram com os catadores e trabalham com recicláveis

Resposta	Quant.	(%)
1 pessoa	217	59,9%
2 pessoas	76	21,0%
3 pessoas	38	10,5%
Mais de 3 pessoas	31	8,6%
Respondentes	362	100,0%

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Dos 1.483 trabalhadores, 1.267 (85,4%) são moradores de Santo André, número que, se comparado ao total da população residente, gera uma taxa de 1,7 pessoas envolvidas com a coleta ou separação de materiais recicláveis a cada mil habitantes residentes no município.

Figura 11 – Pessoas envolvidas com a coleta de recicláveis no município



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Tabela 8 – Pessoas residentes no município envolvidas com coleta de material reciclável

População residente (estimada)	Pessoas envolvidas com coleta de recicláveis	Taxa
723.889	1.267	1,7

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Com relação à renda, 52,9% dos catadores recebem menos de um salário mínimo (SM) proveniente da coleta de resíduos secos, 12% recebem de 1 a 2 salários mínimos e 29,4% não informaram a renda.

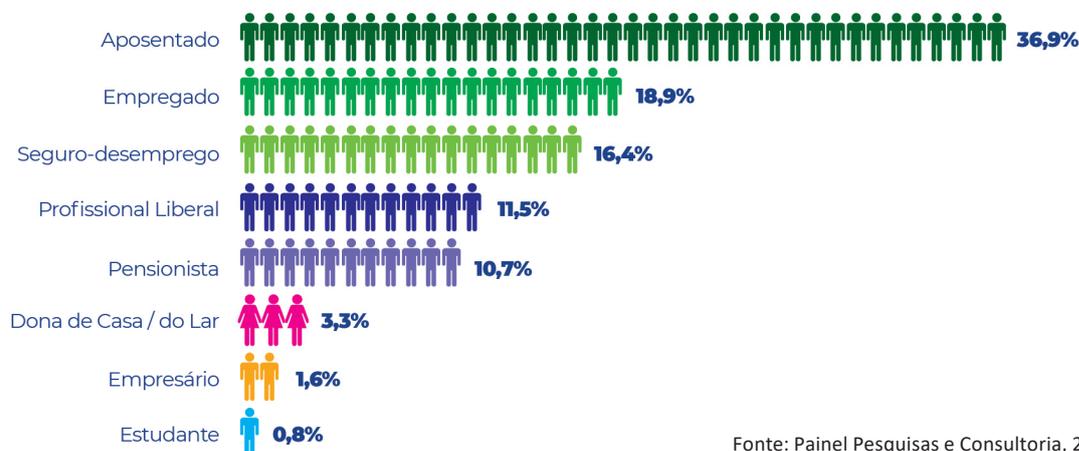
Tabela 9 – Renda mensal da coleta de material reciclável

Resposta	Quant.	(%)
Menos de 1 SM	451	52,9%
De 1 a 2 SM	106	12,4%
Mais de 2 SM	45	5,3%
Não informado	251	29,4%
Respondentes	853	100,0%

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Para 122 (14,3%) catadores, a coleta de recicláveis é complementar a outra fonte de renda de trabalho ou benefícios. Destacam-se à aposentadoria (36,9%), o emprego formal (18,9%) e o seguro-desemprego (16,4%) como as principais fontes de renda complementar ao trabalho de coleta de materiais recicláveis.

Figura 12 – Origem de renda de outras atividades ou benefícios do governo



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

A renda bruta familiar (soma dos ganhos de todas as pessoas da residência) apresenta variação entre menos de ½ SM a mais de 2 SM e predomina a faixa de ½ a 1 SM. No entanto, 35,3% dos catadores entrevistados não sabem ou não quiseram informar a renda.

Tabela 10 – Renda bruta familiar

Resposta	Quant.	(%)
Menos de 1 SM	451	52,9%
De 1 a 2 SM	106	12,4%
Mais de 2 SM	45	5,3%
Não informado	251	29,4%
Respondentes	853	100,0%

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Cruzando os dados de renda bruta familiar e número de moradores do domicílio é possível estimar a renda *per capita* das famílias dos catadores, que predomina na faixa de R\$ 178,00 a ½ salário mínimo (31,9%).

Tabela 11 – Renda familiar *per capita*

Resposta	Quant.	(%)
Até R\$ 89,00	17	2,0%
De R\$ 89,00 a R\$178,00	38	4,5%
De R\$ 178,00 a 1/2 SM	272	31,9%
De 1/2 SM a 1 SM	145	17,0%
Mais de 1 SM	80	9,4%
Não informado	301	35,3%
Respondentes	853	100,0%

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

De acordo com os dados coletados, 14,9% dos catadores afirmaram ser beneficiários de algum programa ou benefício social. Desses, 92,2% estão cadastrados no Programa Bolsa Família (PBF).

Tabela 12 – Quantidade de catadores que recebem benefícios sociais

Resposta	Quant.	(%)
Programa Bolsa Família	117	92,2%
Outros (Energia Elétrica, IPTU, Água, etc.)	9	7,1%
Auxílio Moradia	7	5,5%
BPC (Benefício de Prestação Continuada)	2	1,6%
Respostas	135	*
Respondentes	127	

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

*O mesmo respondente poderia dar mais de uma resposta, ainda assim o cálculo do percentual é feito sobre o total de respondentes

Dos 17 catadores com renda *per capita* de até R\$ 89,00 (extrema pobreza), 23,5% afirmaram ser beneficiários do Programa Bolsa Família (PBF). Lembrando que o programa atende famílias, em sua maioria, compostas por pessoas negras, que vivem em situação de pobreza e de extrema pobreza, podendo fazer parte do programa todas as famílias com renda *per capita* de até R\$ 89,00 mensais. Além das famílias em situação de extrema pobreza, o PBF contempla as famílias com renda *per capita* entre R\$ 89,01 e R\$ 178,00 mensais (pobreza), desde que tenham crianças ou adolescentes de 0 a 17 anos. Dos 38 catadores nessa faixa de renda, 26,3% afirmaram ser beneficiários do programa, porém não é possível afirmar se nessas famílias há crianças ou adolescentes. Dos 853 catadores entrevistados, 9,5% contribuem para o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

Outra informação relevante trata-se da inserção de egressos do sistema prisional ao setor de reciclagem, sendo que 12,3% afirmaram ter vivenciado o sistema prisional em algum momento. Vê-se que o setor da reciclagem pode ser um espaço de recomeço laboral para essa parcela da população estigmatizada.

Figura 13 – Quantidade de catadores egressos do sistema prisional



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

4.4 ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

As tabelas a seguir mostram os resultados sobre animais de estimação dos catadores, como gato, cachorro ou cavalo, além de informações de porte, tipo de alimentação e saúde dos animais: 32,1% responderam possuir animal de estimação, sendo que 72,3% têm cachorros, 53,3% possuem gatos e 1,1% tem cavalos (o mesmo catador pode possuir mais de um tipo de animal de estimação).

Tabela 13 – Animais de estimação que os catadores possuem

Resposta	Quant.	(%)
Cachorro	198	72,3%
Gato	146	53,3%
Cavalo	3	1,1%
Respostas	347	*
Respondentes	274	

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

*O mesmo respondente poderia dar mais de uma resposta, ainda assim o cálculo do percentual é feito sobre o total de respondentes

Também foi perguntado sobre a quantidade de animais que esses trabalhadores possuem. Para cachorros e gatos, a predominância é de 1 ou 2 animais por catador. Quanto aos cavalos, a predominância é de mais de 3 animais por catador. Ao todo, foram contabilizados 323 cachorros, 312 gatos e 10 cavalos.

Figura 14 – Quantidade de animais de estimação por tipo



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Quanto ao tipo de alimento servido aos animais de estimação, para gatos e cachorros o padrão é o mesmo: destaca-se a ração, em seguida sobras de comida da família e comida feita. Quanto aos cavalos, nenhum catador relatou servir ração, apenas sobras de comida da família e comida feita.

Tabela 14 – Tipo de alimento servido aos animais de estimação

Tipo de alimento	Cachorros		Gatos		Cavalos	
	Quant.	(%)	Quant.	(%)	Quant.	(%)
Ração	119	81,5%	124	62,6%	0	0,0%
Sobras da família	18	12,3%	41	20,7%	2	66,7%
Comida feita	9	6,2%	33	16,7%	1	33,3%
Respondentes	146	100,0%	198	100,0%	3	100,0%

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Dos 323 cachorros, 34,1% são castrados e 72,1% são vacinados. Dos 312 gatos, 51,9% são castrados e 57,7% são vacinados. Dos 10 cavalos, 40,0% são castrados e 80,0% são vacinados.

Tabela 15 – Castração e Vacinação dos animais de estimação

Animal	Castrados		Vacinados		Total
	Quant.	(%)	Quant.	(%)	
Cachorro	110	34,1%	233	72,1%	323
Gato	162	51,9%	180	57,7%	312
Cavalo	4	40,0%	8	80,0%	10

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021







**MAPEAMENTO DOS CATADORES
DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ**

Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

5. COLETA DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Neste capítulo, são explorados os dados referentes à coleta dos resíduos recicláveis. Apenas os catadores que afirmaram coletar o material responderam a essas questões. Dos 853 catadores entrevistados, 825 (96,7%) disseram que eles mesmos coletam os resíduos em ruas, comércios, indústrias, dentre outros. Contudo, os materiais recicláveis podem ser obtidos por mais de uma forma.

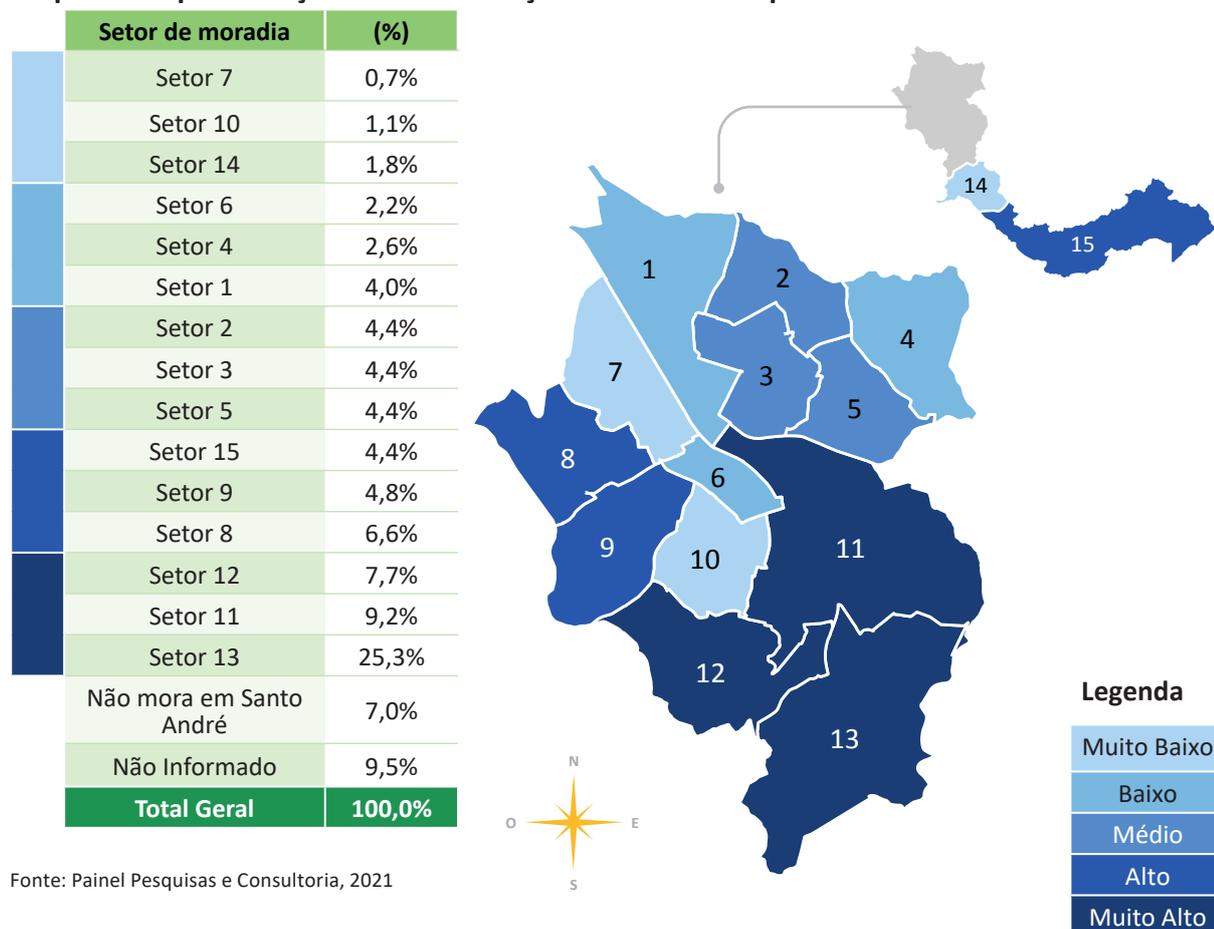
Tabela 16 – Sobre a separação dos materiais recicláveis

Respostas	Quant.	(%)
Faço a triagem/separação para depois vender	573	67,2%
Só colete e vendo tudo sem separar	273	32,0%
Não Informado	7	0,8%
Respondentes	853	100,0%

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Os 273 catadores que fazem só a coleta do material, segundo a classificação do *Quintil*, têm maior concentração no setor 13 (25,3%, seguido pelo setor 11, com 9,2%).

Mapa 2 – Representação da concentração de catadores que fazem a coleta²

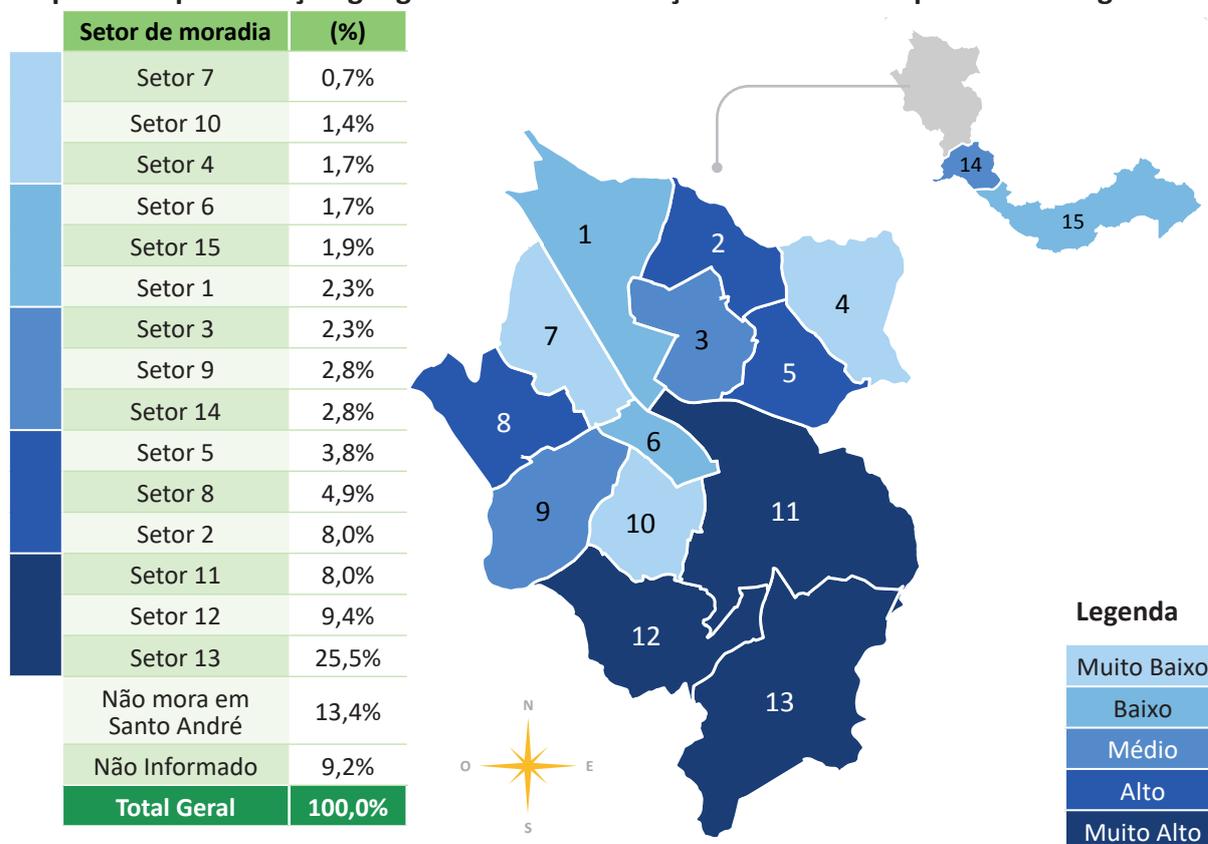


Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

² Para categorização dos setores foi utilizado o método do *Quantil* – separatriz que divide o intervalo de frequência de uma população, ou de uma amostra, em partes iguais. As classificações mais comuns têm nomes conforme o número de partes em que são divididos, que, no caso, foi utilizado a divisão *Quintil*, ou seja, para 5 grupos ou partes, cada uma com 20% dos dados.

Os 573 catadores que fazem a triagem do material coletado, segundo a classificação do *Quintil*, apresentam maior concentração no setor 13, com taxa de 25,5%, seguido pela taxa de 13,4% dos profissionais residentes em outros municípios.

Mapa 3 – Representação geográfica da concentração de catadores que fazem triagem

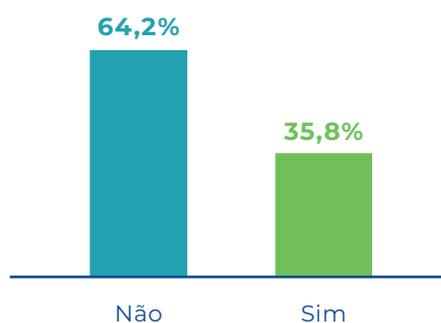


Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

5.1 CONDIÇÕES DE TRABALHO NA COLETA E TRIAGEM

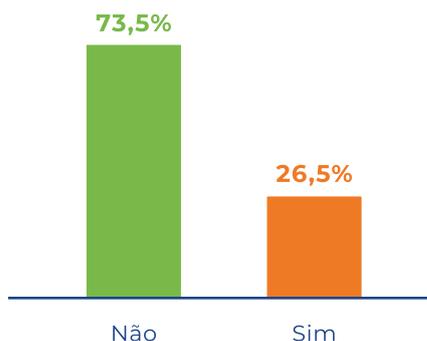
Dos 853 catadores que participaram da pesquisa, 167 (19,6%) relataram ter sofrido algum acidente de trabalho; 226 (26,5%) utilizam equipamentos de proteção/segurança como luvas (89,4%), máscara (40,3%) e bota/sapatão (32,7%); e a maioria (73,5%) não utiliza nenhum equipamento de proteção individual ou coletivo. Por se tratar de uma atividade na qual os trabalhadores têm contato com materiais cortantes e/ou que possam contaminá-los, o uso de equipamentos de segurança é fundamental para a prevenção de acidentes e doenças relacionados ao trabalho.

Figura 15 – Já sofreu algum acidente de trabalho



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Figura 16 – Utiliza equipamentos de proteção/segurança



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Tabela 17 – Tipo de equipamentos de proteção/segurança utilizados

Resposta	Quant.	(%)
Luva	202	89,4%
Máscara	91	40,3%
Bota/Sapatão	74	32,7%
Óculos de proteção	15	6,6%
Outro	6	2,7%
Protetor auditivo	2	0,9%
Uniforme	2	0,9%
Avental/Jaleco	1	0,4%
Respostas	393	*
Respondentes	226	

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

*O mesmo respondente poderia dar mais de uma resposta, ainda assim o cálculo do percentual é feito sobre o total de respondentes

De acordo com os dados coletados na pesquisa, 88 (9,4%) do total de 853 catadores já adquiriram alguma doença trabalhando com a coleta de materiais recicláveis. Dentre as doenças adquiridas destacam-se doenças de pele e conjuntivite, com 76,3% do total de doenças.

Tabela 18 – Doenças adquiridas com a coleta e triagem de materiais recicláveis

Resposta	Quant.	(%)
Doenças de pele	41	51,3%
Conjuntivite	20	25,0%
Hepatite	10	12,5%
Intoxicação	9	11,3%
Leptospirose	2	2,5%
Bronquite	2	2,5%
Hérnia	2	2,5%
Tuberculose	1	1,3%
Dores crônicas	1	1,3%
Respostas	88	*
Respondentes	80	

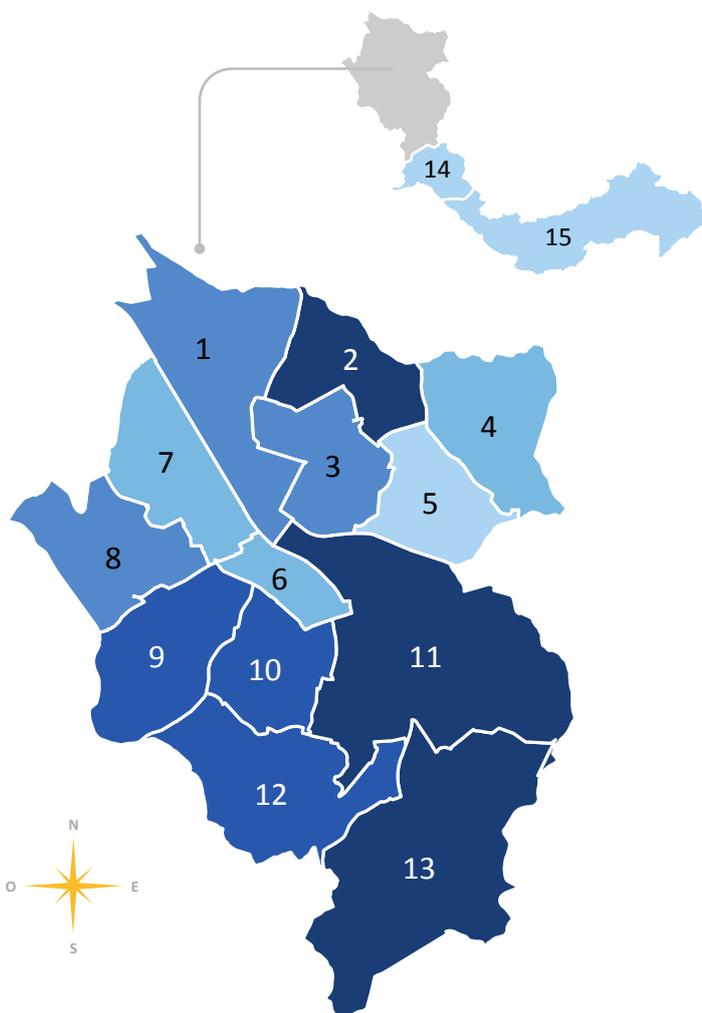
Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

*O mesmo respondente poderia dar mais de uma resposta, ainda assim o cálculo do percentual é feito sobre o total de respondentes

A parte destacada do mapa apresenta os setores com a maior concentração de catadores no município de Santo André. Os setores 2, 11 e 13 estão classificados pelo critério de agrupamento *Quintil* com “muito alta” concentração.

Mapa 4 – Representação visual da concentração de catadores por setor

Setor	(%)
Setor 15	1,9%
Setor 14	2,8%
Setor 5	3,0%
Setor 4	3,8%
Setor 6	3,5%
Setor 7	3,6%
Setor 1	4,1%
Setor 3	5,5%
Setor 8	5,6%
Setor 9	5,9%
Setor 10	6,0%
Setor 12	7,5%
Setor 2	9,4%
Setor 11	12,7%
Setor 13	24,5%
Não Informado	0,2%
Total Geral	100,0%



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021





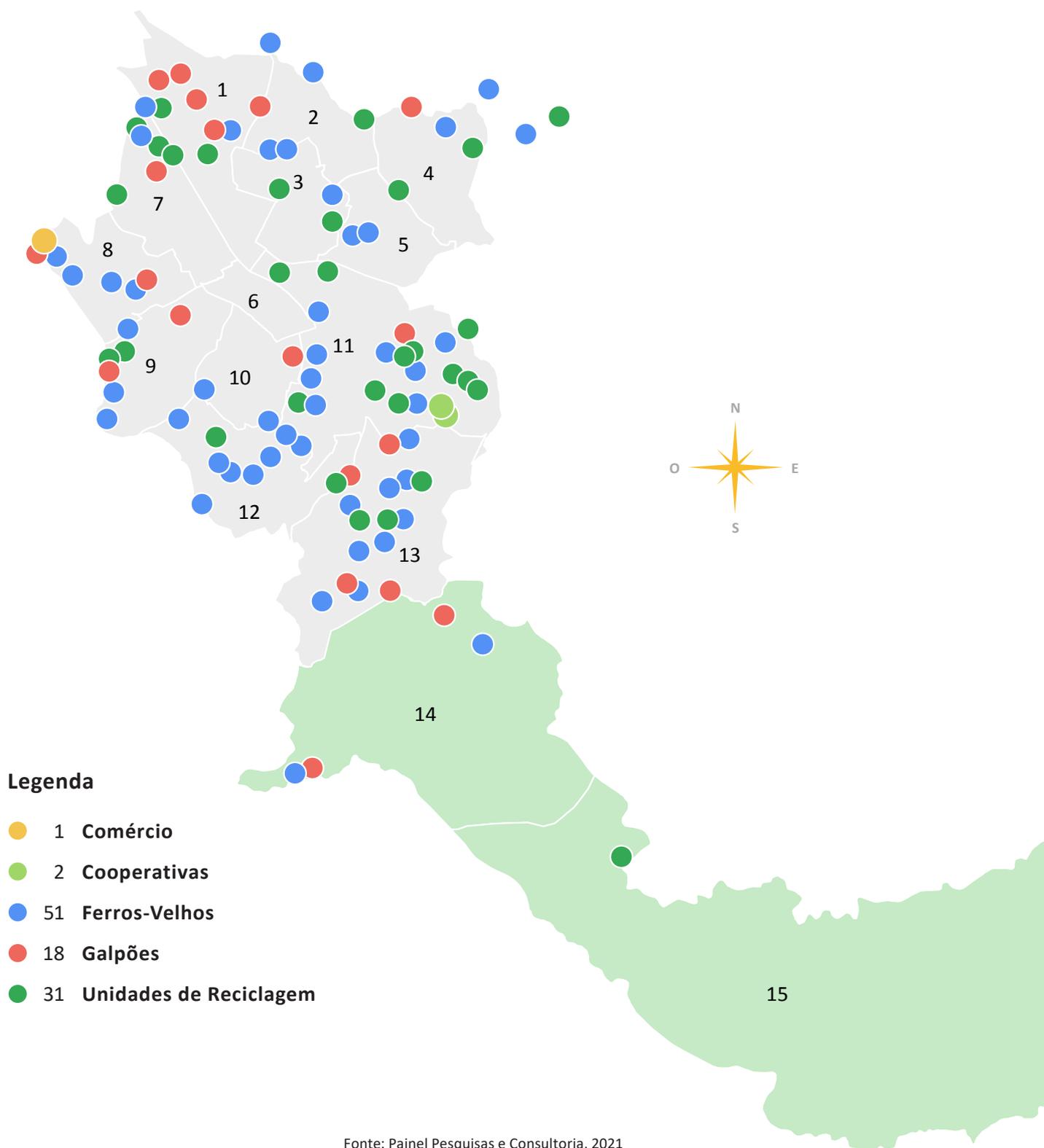


**MAPEAMENTO DOS CATADORES
DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ**

Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

6. COMERCIALIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Mapa 5 – Representação dos tipos de estabelecimentos que atuam com materiais recicláveis



O armazenamento dos materiais vendidos é feito, em sua maioria (72,0%), na casa dos catadores e os metais são os resíduos vendidos, em média, pelo maior preço (R\$ 7,15).

Tabela 19 – Onde você armazena o material até ser vendido?

Resposta	Quant.	(%)
Na minha casa	614	72,0%
No mesmo local que faço a separação	149	17,5%
Em terreno	75	8,8%
Não Informado	10	1,2%
Na casa de outra pessoa	5	0,6%
Respondentes	853	100,0%

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Tabela 20 – Preço de venda por kg dos materiais recicláveis

Materiais Comercializados	Menor preço informado R\$	Preço médio R\$	Maior preço informado R\$
Papel	R\$ 0,15	R\$ 0,48	R\$ 2,00
Papelão	R\$ 0,05	R\$ 0,49	R\$ 3,20
Plástico	R\$ 0,10	R\$ 0,89	R\$ 3,30
Isopor	R\$ 0,20	R\$ 0,45	R\$ 0,90
Vidro	R\$ 0,02	R\$ 0,24	R\$ 1,00
Sucata (ferro)	R\$ 0,05	R\$ 1,17	R\$ 9,00
Metais (alumínio, latas, etc.)	R\$ 0,25	R\$ 7,15	R\$ 20,00

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

A maioria (81,2%) dos catadores entrevistados afirmou trabalhar sozinhos, e o motivo principal é porque os trabalhadores não gostam de serem mandados (57%). Outros dois motivos mais citados para trabalharem só é por conta da autonomia em definir horário de trabalho (31,9%) e por não acharem vantajoso trabalhar para outras pessoas (18,6%).

Tabela 21 – Vínculo empregatício do catador

Resposta	Quant.	(%)
Trabalho sozinho	693	81,2%
Tenho um grupo informal	140	16,4%
Não Informado	14	1,6%
Sou contratado por uma empresa ou pessoa particular	4	0,5%
Faço parte de uma associação/cooperativa	2	0,2%
Respondentes	853	100,0%

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

Tabela 22 – Por que você trabalha sozinho?

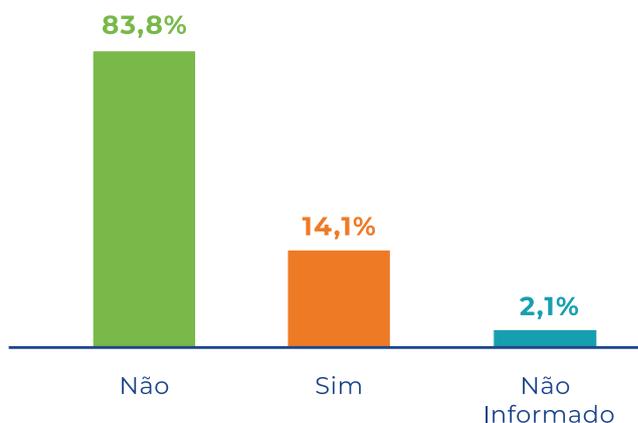
Resposta	Quant.	(%)
Porque não gosto que outros interfiram no meu trabalho /porque não gosto de ser mandado/ Prefiro assim.	395	57,0%
Por causa de horário – faço o meu horário.	221	31,9%
Porque não vejo vantagem de trabalhar com outras pessoas.	129	18,6%
Por causa do salário – faço o meu salário.	125	18,0%
Porque os outros vão ganhar mais do que eu.	44	6,3%
Outros motivos.	22	3,2%
Porque para trabalhar com mais pessoas teria que ir muito longe.	17	2,5%
Porque nunca tive oportunidade de trabalhar com mais pessoas neste tipo de trabalho.	15	2,2%
Tenho outro emprego, e essa atividade é só complemento.	11	1,6%
Desencorajado por familiares.	5	0,7%
Respostas	984	*
Respondentes	693	

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021

*O mesmo respondente poderia dar mais de uma resposta, ainda assim o cálculo do percentual é feito sobre o total de respondentes

Dos 853 entrevistados, 83,8% (715) não sabem como funciona uma cooperativa ou associação. Além disso, 715 catadores também não sabem que existem cooperativas ou associações de catadores de material reciclável em Santo André. Ainda, 18,9% afirmaram que gostariam de participar de uma cooperativa ou associação, enquanto 18,6% citaram que talvez gostariam.

Figura 17 – Você sabe como funciona uma cooperativa ou associação?



Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2021



**MAPEAMENTO DOS CATADORES
DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ**

Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

7. POLÍTICAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO

O município de Santo André foi o primeiro entre as cidades do ABC Paulista a implantar o serviço de coleta seletiva porta a porta. Em 1997, o bairro Vila Pires recebeu o projeto piloto do Programa de Coleta Seletiva. Naquele ano, a gestão de resíduos sólidos era de responsabilidade da Prefeitura de Santo André. Dois anos depois, em 1999, o Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André (Semasa) assumiu a gestão. Em 2000, a coleta seletiva porta a porta já ocorria em 100% da cidade. Com isso, Santo André conquistou mais um marco: ser o primeiro município do Estado de São Paulo a ter o serviço em 100% do território.

Em ruas mais íngremes e estreitas, ou onde o acesso é limitado, há disponibilização de caçambas ou contêineres para a disposição de resíduos domiciliares. Para que o serviço ocorra de forma eficiente, o Semasa monitora a coleta, tanto de resíduos úmidos quanto de secos, por Sistema de Posicionamento Global (GPS), de forma que seja possível acompanhar em tempo real a rota dos caminhões. Atualmente, há 49 veículos que circulam nos bairros do município.

O caminhão de coleta seletiva passa uma vez por semana em todo o território, com exceção dos bairros Centro e Casa Branca, onde o veículo circula diariamente, devido à grande geração de resíduos. Por ano, o Semasa coleta mais de 11.400,00 toneladas de resíduos secos provenientes da coleta porta a porta, de estações de coleta, dos 112 Postos de Entrega Voluntária (PEVs) e de ações e programas socioambientais. 100% dos resíduos recicláveis têm como destino às cooperativas de reciclagem – a Coopcicla e a Cidade Limpa, onde mais de 100 pessoas fazem a triagem e venda dos materiais.

Ao longo desses 25 anos do Programa de Coleta Seletiva, o serviço passou por importantes transformações, avanços e inovações. A partir de 2017, o índice de reaproveitamento de recicláveis, que estava em 12%, triplicou. Isso foi possível pelo aumento do número de estações de coleta, campanhas educativas e implantação de programas socioambientais, como o Moeda Verde (que incentiva a troca de recicláveis em comunidades por frutas, legumes e verduras), Moeda Pet (possibilita a troca de garrafas plásticas por ração para cães e gatos) e o Meu Condomínio Recicla (fortalece a separação de resíduos em prédios residenciais, que são grandes geradores).

Atualmente, Santo André disponibiliza 20 estações de coleta para receber gratuitamente recicláveis, entulho, móveis velhos, restos de pequenas construções, estofados, pneus, além de óleo de cozinha e eletroeletrônicos (carcaças de computadores antigos, fogões, geladeiras etc). Algumas unidades ainda aceitam poda de vegetação e telhas de fibras de amianto. Até o fim de 2022, serão construídos mais 10 ecopontos, chegando ao total de 30 equipamentos públicos exclusivos para uso dos moradores de Santo André.

Cada munícipe pode fazer a disposição de até 1 m³ de resíduos por mês, que é o equivalente a 10 sacos de lixo de 100 litros. Além de ampliar a coleta seletiva, as estações de coleta são fundamentais para diminuir pontos de descarte irregular de resíduos, deixar os bairros mais limpos, preservar o meio ambiente e melhorar a saúde pública.

Figura 18 – Catador descarta resíduos na Estação de Coleta Caminho do Pilar



Foto: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

Outra ação fundamental para otimizar a gestão de resíduos sólidos foi a assinatura do contrato com as cooperativas de reciclagem que atuam em Santo André, o que permitiu a regulamentação e oficialização de suas operações. O contrato estabeleceu direitos e deveres entre as partes, com base na Política Nacional de Resíduos Sólidos. Com isso, as cooperativas passaram a ser remuneradas pelo município no valor de R\$ 45,12 para cada tonelada de recicláveis que deixa de ser aterrada. À época, ficou acordado que o percentual de rejeitos não deveria ser superior a 30% do volume triado.

Figura 19 – Cooperativas empregam mais de 100 pessoas



Foto: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

As cooperativas ficam na Central de Triagem de Resíduos Recicláveis, localizada no Aterro Sanitário Municipal, no bairro Cidade São Jorge. Santo André é a única cidade do ABC Paulista a possuir um aterro municipal. Aberto em 1986 e operado desde 1999 pelo Semasa, o local recebe, em média, mais de 19.000,00 toneladas de resíduos orgânicos por mês – ou mais de 228.00,00 toneladas por ano.

O município de Santo André desenvolveu, a partir dos anos 2000, diversas iniciativas destinadas exclusivamente a catadores autônomos de materiais recicláveis, visando sempre o bem-estar dos trabalhadores e compreender as necessidades sociais, trabalhistas, educacionais, de moradia e saúde, além de uma participação mais efetiva desses profissionais na gestão de resíduos sólidos. Nos anos de 2006 e 2015, o Semasa já havia realizado pesquisas para mapear pessoas que trabalham recolhendo resíduos secos pelas ruas da cidade. A Fundação Santo André e a Rede Mercocidades estimaram, em 2006, que havia uma população de 1.933 catadores – 83% eram homens, 82% moravam em Santo André, 78% trabalhavam com a catação por causa do desemprego, 12% moravam na rua e 57,4% tinham casa própria (SEMASA, 2014). O último estudo, executado em 2015 pela Jeo Brasil Pesquisa e Projetos, estimou uma população de 569 catadores informais de recicláveis (PMGIRS, 2019).

No ano de 2015, o Semasa também inaugurou a nova Central de Triagem de Resíduos Recicláveis. Organizada por catadores autônomos e desempregados, as cooperativas passaram a ser equipadas com esteiras elevadas, balanças eletrônicas, empilhadeiras, prensas e carrinhos para o transporte de resíduos (SEMASA, 2014).

Tais melhorias foram projetadas para proporcionar melhores condições de trabalho aos cooperados e aprimorar o processo de recebimento, triagem, compactação e venda de resíduos secos. Além de novos galpões e da ampliação da área de trabalho, os cooperados receberam oficinas sobre cooperativismo, produtividade e organização.

Figura 20 – Cooperativas promovem melhores condições de trabalho



Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos



Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

Em parceria com a Prefeitura e o Coletivo Núcleo de Ações Socioculturais Ativista (NASA), Santo André recebeu, em 31 de março de 2016, o projeto Catadores Saudáveis. Foi uma ação realizada no núcleo dos Ciganos, em Utinga, durante a revitalização de um ponto de descarte irregular de resíduos (SEMASA, 2016). Profissionais que trabalham com a catação foram beneficiados com serviços de saúde e receberam orientações sobre reciclagem e descarte correto de resíduos. As carroças dos catadores ganharam revitalização, recebendo arte em grafite.

Figura 21 – Grafitegem se torna aliada para dar visibilidade aos catadores e seus carrinhos

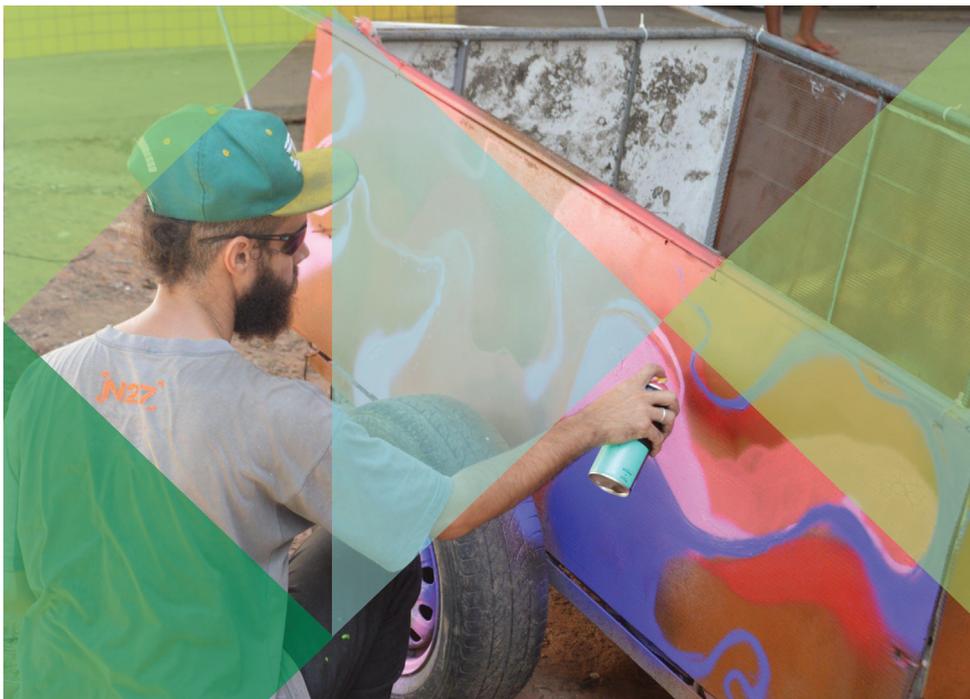


Foto: Paloma Alvarez Alonso

Figura 22 – Contrato de prestação de serviço é um marco importante na relação com cooperativas



Foto: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

Os catadores autônomos participaram, no dia 30 de abril de 2022, no Parque da Juventude Ana Brandão, de mais uma ação de assistência, cidadania, arte, cultura e lazer. O Semasa e a Prefeitura apoiaram a 27ª edição do Pimp My Carroça em Circuito, desenvolvida pelo movimento Pimp My Carroça (SEMASA, 2022). Durante o evento, os trabalhadores receberam itens de segurança – como capa de chuva e luvas emborrachadas roupas, calçados, brinquedos e acessórios. Houve ainda reforma e pintura de carroças, registro

dos animais dos catadores e cadastro para castração dos pets, distribuição de cartilhas de posse responsável e encoleiramento de cães e gatos para prevenir pulgas e carrapatos.

Figura 23 – Artistas dão novo visual aos carrinhos dos catadores



Foto: Naraisa Moura Esteves Coluna

7.1 SERVIÇOS DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL VOLTADOS À POPULAÇÃO VULNERÁVEL

Compondo as estatísticas de populações em situação de vulnerabilidade social, os catadores autônomos encontram no município de Santo André equipamentos públicos que oferecem assistência social. Há no território andreense 1 serviço de acolhimento (abrigo) em modalidade noturna e 3 de acolhimento institucional, que funcionam 24h por dia, de domingo a domingo. Esses espaços podem receber até 120 pessoas, principalmente durante períodos de baixas temperaturas. Inaugurada em março de 2022, a Casa de Acolhimento Andreense, que fica no bairro Jardim do Estádio, oferece moradia, alimentação, atividades com profissionais para que os usuários ingressem ao mercado de trabalho e possam resgatar a cidadania e o convívio familiar. O espaço ainda possui quarto exclusivo para transexuais, canil e pátio para catadores de resíduos recicláveis/carroceiros.

Figura 24 – Casa de Acolhimento Andreense possui canil e espaço para guardar carroça

Foto: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos



Atualmente, Santo André registra 7 Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), locais que têm como objetivo assegurar o direito às proteções sociais, renda e convivência social, por meio da gestão territorial de redes articuladas.

Com 2 Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS), o município também oferece assistência e atendimento técnico a indivíduos e famílias em situação de violência, riscos e agravamento de vulnerabilidades. Mulheres cisgêneros, transexuais e travestis que são ou foram vítimas de violências doméstica e sexual, além de assédio moral, costumam procurar outro serviço, o “Vem Maria”, que completou, em 2022, 24 anos de existência. No centro de referência, localizado no bairro Jardim, há atendimentos psicossociais individuais e em grupo, além de orientações sobre os direitos das mulheres.

Outro equipamento importante é o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP). No local, os usuários podem se alimentar, tomar banho e lavar roupas e pertences. O espaço ainda conta com equipe multidisciplinar, com psicólogos, assistentes sociais e com terapeuta ocupacional para atender moradores de rua, orientá-los e encaminhá-los aos serviços socioassistenciais necessários.

Figura 25 – Centro POP recebe, em média, 100 pessoas por dia



Foto: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

Quando a pessoa em situação de rua que faz uso de substâncias psicoativas, a administração municipal aciona os serviços competentes da Secretaria de Saúde para atendimento conjunto. Equipes do Serviço Especializado de Abordagem Social também circulam pelas ruas para orientar e sensibilizar sobre todos os serviços e atendimentos públicos disponíveis, sem praticar acolhimento compulsório e privação do direito de ir e vir.



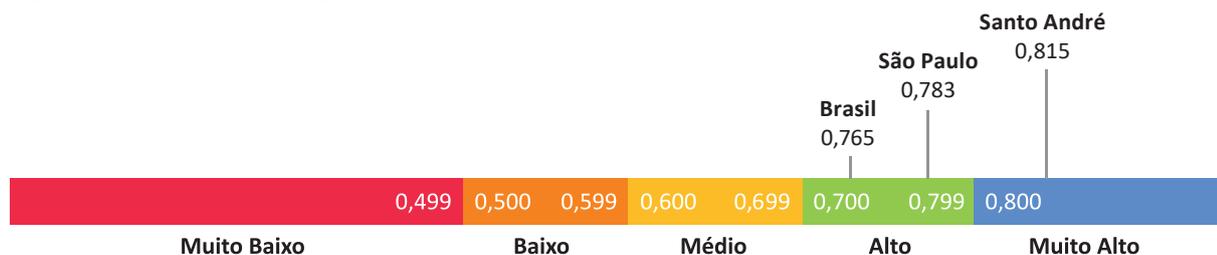
**MAPEAMENTO DOS CATADORES
DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ**

Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

8. HISTÓRIA DE VIDA DOS CATADORES

O município de São André conta com mais de 700 mil habitantes e apresenta um dos maiores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, tornando-se a quinta melhor cidade do país para criar filhos, segundo pesquisa desenvolvida pela *Delta Economics e Finance*.

Figura 26 – Representação em faixas de desenvolvimento do IDHM de Santo André



Fonte: Atlas Brasil, 2010

“Todo mundo deveria colocar na cabeça e ter consciência de que não pode jogar reciclável no rio”

(Catadora Maria Cristina dos Santos)

Figura 27 – Catadores de outros municípios realizam rotas de coleta na cidade



Foto: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

Dos 96 catadores que afirmaram não residir no município de Santo André, 51% moram em São Paulo. A catadora Cristina Maria dos Santos sai da comunidade Ilha, região do bairro Jardim Elba, na divisa com o município andreense, para coletar papelão,

metal, plástico e outros materiais em Santo André. A reciclagem entrou na sua vida após ela conhecer o marido José, que já trabalhava com a catação. A partir daí, Cristina diz que “pegou gosto pela rua”. *“É importante para nós porque a gente, ao mesmo tempo que tá, tipo assim, colaborando com o meio ambiente, ao mesmo tempo a gente não tá parado, focado apenas num lugar só. A gente faz bastante amizade, ganha coisas, tipo geladeira. A minha casa sempre foi abastecida só da rua”, afirma. “Eu dou valor porque a rua é uma mãe para as pessoas”, complementa.*

Cristina gosta do trabalho e compreende a importância social e ambiental que ele tem, mas, ao mesmo tempo, fica preocupada em pensar até quando permanecerá percorrendo quilômetros a pé, vasculhando sacolas e recolhendo resíduos recicláveis. *“Não quero ficar muito tempo na rua porque vai chegar uma idade que tem que trabalhar pra pegar a minha aposentadoria. [...] E se a gente se machuca, não temos assistência de nada. Por isso eu trabalho de luva, boné. Nunca trabalhei de chinelo e bermuda [...]. Mesmo com a luva na mão é um perigo danado, mas já ajuda e ameniza um pouco a contaminação, pois tem lixo que pelo amor de Deus. É só por Jesus na causa. O pessoal mistura muito. Tem dia que eu chego em casa e não quero comer”, lamenta.*

Restos de alimento e materiais de banheiro misturados junto a resíduos secos são as maiores reclamações da profissional, que revela que, na comunidade onde vive, dá para contar nos dedos quem sabe da importância da reciclagem. *“Acho que todo mundo deveria colocar na cabeça e ter consciência de que não pode jogar reciclável no rio, ou em qualquer lugar. O ambiente seria mais saudável e a gente iria respirar melhor. A causa das enchentes é por causa do lixo”, explica.*

A opinião negativa dos catadores em relação à forma como os municípios descartam os resíduos aparece em todas as entrevistas realizadas. Além dos perigos de ferimentos, os entrevistados relataram o mal-estar que sentem ao mexer em sacos com resíduos úmidos e secos misturados.

Cristina faz parte das estatísticas dos 26,5% entrevistados, que não moram na rua, que informaram utilizar algum equipamento de segurança. Ela também integra a estatística dos 90,5% catadores que responderam não contribuir com a previdência social ou privada.

Outro dado importante advindo dos catadores que exercem o trabalho nas ruas, vasculhando resíduos domésticos, é a exposição a doenças e acidentes típicos relacionados ao ofício. É comum vê-los manuseando sacos sem nenhuma proteção nas mãos, além do descarte incorreto de vidros e objetos cortantes, expondo os trabalhadores ao perigo de serem cortados ou perfurados. De acordo com os dados coletados para o mapeamento dos catadores de Santo André, 80 (9,4%) trabalhadores já adquiriram alguma doença e 19,6% relataram ter sofrido algum acidente. Dentre as doenças adquiridas destacam-se doenças de pele (51%) e conjuntivite (25%).

Questionada sobre o que espera que o município de Santo André desenvolva, a partir do mapeamento que foi realizado com catadores e estabelecimentos que comer-

cializam resíduos secos, Cristina disse que *“poderia fazer o cadastramento de todos os carrinheiros e carroceiros que moram na área, para ter um lugar só para as pessoas trabalharem, sendo legalizadas, com fornecimento de equipamento de segurança”*. O lugar que ela menciona, no caso, refere-se à cooperativa de reciclagem.

“Ficou terrível. Tanto que o meu carrinho está vazio”

(Catador Edmilson Bernardo Balbino)

Figura 28 – Pandemia da Covid-19 trouxe grandes impactos para os catadores



Foto: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

O catador Edmilson Bernardo Balbino também é um dos profissionais que trabalham em Santo André. De São Paulo, diretamente do Jardim Santo André, ele vai ao município andreense de segunda a sábado, de ônibus. Os resíduos que recolhe são colocados em uma carroça que ele pega emprestada. Antigamente, o equipamento era de sua propriedade, mas ele precisou vendê-lo quando decidiu trabalhar em uma firma no Rio de Janeiro.

O senhor Edmilson é um dos profissionais que trabalham há mais tempo com a catação. Já são três décadas percorrendo as ruas de Santo André para sobreviver. Com a venda de materiais, sustenta também a esposa, que se tornou deficiente após ser atropelada. Ele é uma das 66 pessoas que responderam que trabalham há mais de 20 anos com materiais recicláveis – isso representa apenas 7,7% do total.

Edmilson atua com esse serviço antes mesmo de Santo André ter implantado o serviço de coleta seletiva porta a porta, em 1997. De lá para cá, muita coisa mudou. A adesão da população na separação e destinação correta de resíduos secos aumentou gradativamente, ao mesmo tempo em que mais pessoas passaram a recolher e comercializar recicláveis. *“Quando eu comecei, as coisas eram mais fáceis, tinha muito serviço. Eu pegava muito trabalho, muita reciclagem, era muito material de vender. Então, era uma*

coisa que dava lucro. Mas hoje, não. A relatividade tá muito difícil, com tudo, tudo o que você vai fazer está difícil”, desabafa.

Com a situação, o catador diz que mal dá para pagar as contas com o que consegue encontrar e vender no ferro-velho. Com os alimentos caros, então, é necessário deixar de consumir o que mais pesa no bolso: *“Eu trabalho para sobreviver, não trabalho por diversão ou para ver coisa errada: é para tentar colocar as coisas no lugar, [pagar] uma conta de água e luz, que é um absurdo também”*. Insatisfeito, Edmilson é um dos 278 catadores que responderam que deixariam de trabalhar com material reciclável. Mas se essa pergunta fosse feita há uns anos, a resposta seria diferente.

Edmilson trabalhava em uma firma antes de ser catador. Ele disse que fez um teste: recolheu recicláveis por um dia para pagar as contas em atraso. Voltou a fazer a mesma experiência, só que dessa vez durante uma semana. Em sete dias, conseguiu faturar o que conseguia em um mês de salário na empresa onde trabalhava. Não deu outra: largou tudo para se dedicar apenas à reciclagem. Anos depois, a história já é bem diferente. A situação piorou, segundo o catador, em 2022. *“Ficou terrível, tanto que o meu carrinho está vazio”*, lamenta. Com os impactos gerados pela crise sanitária da Covid-19, a busca por atividades informais, como a reciclagem, aumentou. Fato este comprovado pelo próprio estudo de catadores informais que foi realizado: 32,1% dos profissionais coletam resíduos secos há 2 anos ou menos. A pandemia da Covid-19 fez com que mais 274 pessoas escolhessem a reciclagem como um meio de trabalho e renda. Uma das reclamações de Edmilson é com relação aos preços de alguns materiais, tanto que ele deixou de recolher papelão porque o valor está muito baixo. A preferência é para resíduos mais pesados, como ferro, alumínio e metal.

A abundância de materiais já não existe, uma vez que os próprios munícipes vendem os recicláveis ou estabelecem contatos diretos com “atravessadores”, separando e armazenando até que venham retirar. A oferta de materiais nos estabelecimentos que compram os resíduos recicláveis provocou a redução dos materiais. Vender em pequena quantidade não vale o quanto valia, assim como vender para o ferro-velho já não é a melhor forma de garantir o sustento familiar. Ganha mesmo quem vende para a indústria, que paga melhor pelo quilo, mas que só compra grandes quantidades.

Com os resultados da pesquisa que foi realizada com os catadores, Edmilson gostaria de ter ajuda financeira: *“Gostaria que melhorasse a situação dos catadores, que chegasse um ponto do governo dar uma comissão, ou qualquer coisa, para ajudar na vida financeira”*. A retração na atividade econômica e o aumento no preço de bens e serviços trouxeram, segundo Edmilson, pelo menos uma mudança positiva sobre a percepção quanto ao trabalho de catação. *“Do jeito que as coisas estão, acho que nem preconceito tem mais. As coisas estão tão difíceis que até donos de casa separam os materiais para vender”*, conclui.

“Eu trabalho com orgulho, mesmo”

(catadora Maria Pereira)

Figura 29 – Maria e Henrique comentam sobre o trabalho que realizam



Foto: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

Os catadores formam um grupo de trabalhadores heterogêneos, que se altera ano a ano e vem acompanhando as mudanças econômicas de Santo André e do país. A catadora Maria Pereira trabalha há mais de seis anos com esse serviço. O filho mais velho, Henrique Pereira, também a acompanha na jornada, há três anos. Foi uma vizinha que a convidou para ser catadora. Antes, ela chegou a trabalhar em empresas privadas e como diarista. A reciclagem, por sua vez, rendeu mais financeiramente do que prestando serviços em residências.

Natural da Bahia, Maria é mãe de seis filhos e veio para São Paulo para fugir da seca e da fome. Mora há mais de 40 anos no Sítio dos Vianas, em Santo André, na divisa com o município de São Bernardo do Campo. Segundo ela, houve aumento significativo de pessoas que passaram a recolher resíduos recicláveis. *“Aumentou bastante a quantidade de catadores, porque aqui na região do Jardim Guarará eram só nós três há seis anos, mas de um ano pra cá aumentou. [...] É um pessoal que perdeu o emprego, tem filho e aluguel pra pagar e começou na pandemia”*, explica.

Na família, apenas ela e o filho trabalham com a catação e a nova profissão não foi aceita com bons olhos por alguns familiares: *“Alguns tinham vergonha de ela recolher recicláveis e a chamavam de ‘lixreira’”*, disse Henrique. Mas comentários do tipo não afetam Maria, que disse: *“eu vou encerrar a minha profissão na reciclagem, mesmo. Quando me aposentar, pode ser que ainda saia na rua, porque fiz muitas amizades, principalmente em locais particulares, onde as pessoas me chamam e ligam para pegar recicláveis”*. Hen-

rique já não compartilha da mesma opinião: *“Vontade de ter outro emprego, eu tenho. Com o dinheiro da reciclagem, vou vivendo e pago as minhas contas, mas se aparecer coisa melhor, eu vou”*, afirma.

Segundo a mãe e o filho, são poucos os vizinhos que entendem a importância da reciclagem. Quando Maria começou a trabalhar nesse ramo, alguns até a olharam com estranheza: *“Eu trabalho com orgulho, mesmo. E isso eu falo até na rua. Passei bem nesta crise, não faltou nada. Deu R\$ 1.500 por mês? Estou livre!”*, comenta. Antes da pandemia, no entanto, a renda era maior. Henrique disse que a família chegava a ganhar R\$ 1.800.

Para ter um futuro melhor, Maria diz que gostaria que tivesse uma cooperativa. Henrique também tem o mesmo pensamento. Segundo ele, um espaço do tipo *“ajuda bastante gente e tem um local certo para descarte. A gente sabe de onde vem o material e volta”*.

Em Santo André, existem duas cooperativas – a Cooperativa de Reciclagem de Santo André (Coopcicla), criada em 1999, e a Cooperativa de Trabalho dos Coletores de Resíduos e Limpeza Urbana de Santo André (Coop Cidade Limpa), de 2001. Juntas, elas empregam mais de 100 pessoas que trabalham com triagem, compactação e venda de resíduos secos.

Dos 853 entrevistados para a pesquisa de mapeamento dos catadores de Santo André, 83,8% não sabem como funciona uma cooperativa ou associação. O mesmo percentual dos entrevistados também não tinha conhecimento de que existem cooperativas ou associações de catadores de material reciclável no município. Ainda, 18,9% afirmaram que gostariam de participar de uma cooperativa ou associação, enquanto 18,6% citaram que talvez gostariam.

Na visita às cooperativas de Santo André, funcionários que trabalham na diretoria desses locais relataram a dificuldade que enfrentam para que os cooperados permaneçam. A drogadição e o alcoolismo são as principais causas. Nessa perspectiva, não há como separar a preocupação ambiental da necessidade de políticas públicas desenvolvidas especificamente para tal ocupação, posto que é uma questão de saúde pública também.

Com relação ao uso de substâncias psicoativas, 36,5% dos catadores entrevistados fumam cigarro, sendo que 33,1% utilizam o produto diariamente. Sobre o consumo de álcool, 33,1% dos profissionais afirmaram consumir o produto e 14% o fazem diariamente.

Dos entrevistados, 11,6% consomem outros tipos de drogas e 7,6% o fazem diariamente. Em atividades socialmente desvalorizadas como a dos catadores, uma das estratégias de defesa desses sujeitos, para suportarem tamanha discriminação e preconceito, é o elevado consumo de cigarro, álcool e outras drogas (SELIGMANN-SILVA, 2011). Com isso, uma estratégia possível é que a política a ser desenvolvida e/ou aperfeiçoada para esse público considere ações para a prevenção ao consumo de cigarro, álcool e de outras drogas.

“Eu espero que os recicladores se respeitem mais”

(Catadora Gyrlanne Oliveira Alves Rodrigues)

Figura 30 – Catadores durante a entrevista para o mapeamento



Foto: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

Natural de Pernambuco, a catadora Gyrlanne Oliveira Alves Rodrigues veio morar em Santo André ainda pequena. Ela e o esposo trabalham há quase 20 anos com resíduos recicláveis e sustentam dois filhos adolescentes.

Com o aumento da gasolina, atualmente eles recolhem materiais só três vezes por semana, passando, em média, 7 horas fora de casa. Antes, o trabalho ocorria quase todo dia. Ela e o esposo fazem parte dos 159 (19,3%) catadores que responderam utilizar carro/utilitário para executar o trabalho.

Os catadores autônomos que possuem transporte, seja carrinho ou carro adaptado, são vistos como privilegiados pelos companheiros de profissão, pois carregam materiais recicláveis pesados, como chapas de alumínio e sobra de ferro. Os carroceiros, por vezes, executam o papel de fretista e recebem um pagamento pelo frete ao transportar pequenos entulhos de obras residenciais, como resíduos e madeira, até as estações de coleta. Caso o material reciclável seja de grande valor, os profissionais executam o serviço apenas pela troca.

Moradora do bairro Recreio da Borda do Campo, área de proteção ambiental de Santo André, Gyrlanne diz que um dos maiores benefícios que o seu trabalho traz é o de possibilitar ter tempo para estar com os filhos: *“Não deixaria de trabalhar com a catação, ainda mais por causa de problemas de saúde. Se eu for trabalhar com outra coisa, vou ter horário para entrar e sair. E se começo a faltar por problema de saúde, não fico. Na*

reciclagem, a gente faz o nosso horário”, complementa. Outro ponto positivo da catação é a questão ambiental. Ela reconhece que, se não fossem os catadores, muitos resíduos estariam jogados no meio ambiente.

Além de recolher recicláveis pelas ruas com o carro, ela e o esposo também vão a residências de moradores, já que alguns deles não têm transporte para levar materiais aos ecopontos. Os resíduos que são bons para o casal têm como destino o depósito de recicláveis, espaço que eles mantêm no salão que fica embaixo da casa onde moram.

Os vizinhos, segundo ela, são parceiros. Quando fazem festa, não descartam as latinhãs para a coleta seletiva, mas, sim, entregam a eles. Há quem até divulgue a profissão dos dois.

Questionada sobre o cenário atual, Gyrlanne lamenta a queda na renda, ocasionada pelo aumento de pessoas que também passaram a exercer a atividade da catação. *“O que a gente está vendendo, agora, está dando para pagar o aluguel e a despesa. Se for pra comprar uma coisa boa, não paga, não”*, explica.

Com o aumento de profissionais que trabalham com recicláveis, Gyrlanne faz um apelo: *“eu espero que os recicladores se respeitem mais entre si. Em todo o comércio há uma concorrência. Tem pessoa que já está há muito tempo e é totalmente dependente disso. A gente não tem uma outra renda, não recebo nenhum auxílio. Entre os catadores, precisa haver mais respeito”*, comenta, fazendo referência à concorrência de preços dos materiais para comercialização. Segundo ela, antigamente havia uma tabela com valores dos resíduos, mas, com a pandemia da Covid-19, houve aumento de disputa entre quem paga mais. Uma das saídas encontradas por catadores individuais para competir com os grandes revendedores de recicláveis é a associação por cooperativa, o que contribui para existir melhores condições de trabalho e saúde laboral.

Gyrlanne é otimista em relação às melhorias que podem ocorrer a partir do estudo que o município de Santo André fez com os catadores. *“Quando tem mais divulgação, mais marketing, as pessoas começam a reconhecer. Tem uns que te olham com cara de nojo e desprezo”*, diz. A profissional sugere que sejam realizadas reuniões com a sociedade para explicar a importância da reciclagem e de respeitar o espaço do outro. A partir daí, o município já consegue proporcionar melhorias para os catadores.



Logo: Inspire
Logo: Inspire
Logo: Inspire

Innovo

HANDLE WITH CARE





**MAPEAMENTO DOS CATADORES
DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ**

Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

9. AÇÕES PARA O FUTURO

Com o mapeamento atual de catadores informais e de estabelecimentos que comercializam resíduos recicláveis, Santo André pretende inserir os trabalhadores no mercado formal de triagem e venda de recicláveis, levando-os para as cooperativas no município. Para isso, há estudos em andamento para viabilizar a construção de uma nova Central de Triagem, com infraestrutura mais moderna e adequada às necessidades atuais.

A concepção do estudo de catadores informais foi realizada a partir de um olhar intersetorial, envolvendo questões relacionadas à saúde, educação, trabalho, renda, moradia, capacitação profissional, assistência social e gestão de resíduos sólidos.

Para avançar nos direitos sociais dos catadores, melhorar a qualidade de vida e a prestação do serviço e ter uma cidade mais comprometida com as justiça social e ambiental, Santo André propõe:

A) Formalização do trabalho dos catadores autônomos por meio de associações, cooperativas e/ou cadastro para microempreendedor individual (MEI).

B) Acesso à rede de proteção dos benefícios sociais e previdenciários, por meio do Centro de Referência em Assistência Social e INSS.

C) Acesso a serviços públicos de saúde, informações e medidas relacionadas à saúde pública, ocupacional e higiene e segurança no trabalho.

D) Avanço na escolaridade e qualificação profissional.

E) Participação em iniciativas de empreendedorismo e economia solidária.

F) Criação de novos formatos de trabalho que integrem os profissionais a programas de reciclagem já constituídos em Santo André, como o Meu Condomínio Recicla (estímulo à coleta seletiva em prédios residenciais) e Moeda Verde (troca de recicláveis em comunidades por frutas, legumes e verduras frescos).

G) Criação do Sistema de Cadastro dos Catadores, para que o município tenha registro e controle dos trabalhadores existentes.

H) Rede de proteção aos animais dos catadores.

I) Acesso à moradia digna e atividades de cultura e lazer.

J) Fortalecimento de campanhas educativas, visando sensibilizar os munícipes de Santo André para aderir ao Programa de Coleta Seletiva e praticar a correta separação de resíduos secos e úmidos.



**MAPEAMENTO DOS CATADORES
DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ**

Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

10. CONCLUSÃO

O desenvolvimento da cadeia produtiva de reciclagem é uma necessidade crescente e com grande potencial no Brasil, não sendo diferente em Santo André. O papel desempenhado pelos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis é essencial e fundamental à sociedade, contribuindo diretamente para a saúde coletiva da população, a preservação do meio ambiente, de recursos naturais e matérias-primas e o fortalecimento da economia.

O manejo adequado dos resíduos sólidos pressupõe a separação correta entre os resíduos orgânicos e recicláveis e maior investimento em ações de educação e sensibilização ambiental. É necessário que haja uma maior conexão da sociedade para qualificação e separação de resíduos sólidos possíveis de reciclagem, que são desprezados e descartados de forma incorreta, afetando diretamente a geração de renda dos catadores e a vida útil do aterro sanitário.

A superação do estado de vulnerabilidade dos catadores perpassa pelo crescimento contínuo e sustentável das condições de trabalho, geração de renda, saúde e para a importância real e visibilidade social do seu trabalho em sociedade. Esse crescimento precisa gerar confiança, estar repleto de transparência e ser de fácil percepção e entendimento, tendo os catadores lugar de protagonistas e destaques em todo processo produtivo da reciclagem.

No município de Santo André, a coleta e a triagem dos resíduos recicláveis são realizadas também por um grande número de pessoas, na maioria dos casos de modo individual - por catadores autônomos, e de forma organizada e coletiva - por meio das duas cooperativas de reciclagem. Esse cenário limita a possibilidade de aperfeiçoamento da gestão de resíduos sólidos, devido à insegurança e condições precárias dos catadores autônomos na realização de suas atividades, de modo a estabelecer continuidade e ampliar a credibilidade necessária para a evolução da cadeia produtiva. É necessário, também, promover o incremento da renda, minimizando os catadores do estado de vulnerabilidade social que é intrínseco à atividade, se realizada de modo informal.

A maioria dos catadores brasileiros atua em ruas e lixões. A organização em cooperativas traz para estes trabalhadores melhores condições de trabalho e renda. É quando se organizam em cooperativas que os catadores, muitas vezes, conseguem um teto para trabalhar, equipamentos adequados para diminuir o esforço físico, aumento de renda e proteção da sua saúde, bem como ampliam as possibilidades de melhor acesso às diversas políticas públicas, em especial à Política Nacional de Resíduos Sólidos, que prioriza a participação ativa dos catadores na coleta seletiva e na Logística Reversa do município. Tudo isso é a representação material da importância que estas organizações têm para colaborar com a superação da pobreza e miséria, que voltaram a crescer no Brasil.

Neste sentido, e para orientar melhor as iniciativas de incentivo a esse setor produtivo, o mapeamento e a dinâmica dos catadores do município de Santo André possibilitarão, por meio de dados reais, definir as ações para os próximos anos. Ao ter um olhar integrado para os catadores informais, é importante observar que as políticas públicas só serão efetivas se o poder público trabalhar de forma conjunta com os diferentes atores envolvidos, seja na saúde, geração de renda, educação, profissionalização e inclusão social.

Na área da educação, faz-se necessário políticas públicas integradas com ações e projetos nas escolas para a disseminação da importância do trabalho dos catadores, por meio de formação, cursos e palestras, com agentes ambientais e com os próprios catadores. E na educação básica, a inclusão de disciplinas sobre questões ambientais que esclareçam aos alunos a importância da separação de resíduos e da coleta seletiva para o meio ambiente, o que favorece à mudança da relação das famílias com os resíduos.

Na área da saúde, dada à incidência de uso de álcool e outras drogas por catadores informais de recicláveis, é importante a criação de programas para catadores dependentes químicos, bem como acolhimento e suporte a seus animais de estimação, com vistas a evitar a propagação de doenças. Outras iniciativas fundamentais são a criação de ações que promovam melhores condições de trabalho, visibilidade, valorização e formalização para atender aos anseios desses trabalhadores.

Em face ao cenário representativo dessa categoria, o investimento público e privado faz-se necessário para o fortalecimento da organização produtiva dos catadores em cooperativas e associações com base nos princípios da autogestão, da economia solidária e do acesso a oportunidades de trabalho decente, o que representa, portanto, um passo fundamental para ampliar o leque de atuação dessa categoria profissional no fortalecimento da Política Nacional de Resíduos Sólidos e do Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos de Santo André.

10.1 MENSAGENS E APELOS DOS CATADORES

Entre as mensagens e apelos citados pelos catadores, três se destacam:

- Separar corretamente;
- Valorizar o trabalho;
- Melhorar condições de trabalho.

A nuvem de palavras mostra as falas mais citadas pelos catadores que participaram da pesquisa.

Figura 31 – Nuvem de palavras com as impressões dos catadores sobre a atividade



11. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Figura 32 – Registro Fotográfico





Fotos: Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRELPE. Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2018/2019. São Paulo, 2019. Disponível em: www.abrelpe.org.br <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/brasil-gera-79-milhoes-de-toneladas-de-residuos-solidos-por-ano>. Acesso: 12. Maio. 2022.

_____. Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2020. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.abrelpe.org.br/panorama-2021/>. Acesso: 14 maio.2022.

AFFONSO. L. H. T. A. Alguns Métodos de Amostragem para Populações Raras e Agrupadas. USP, 2008.

ANCAT. Anuário da reciclagem. São Paulo, 2021. Disponível: <https://www.ancat.org.br/blog/anuario-da-reciclagem-2021-retrata-a-realidade-dos-catadores-de-materiais-reciclaveis-e-de-suas-organizacoes-no-brasil>. Acesso: maio de 2022.

BRASIL. Lei Orgânica de Saúde nº 8080/90: Política Nacional de Saúde- Sistema Nacional de Saúde (SUS). Brasília, 1990.

_____. Associação Brasileira de Normas Técnicas (NBR 10004): Resíduos sólidos. Classificação. ABNT, 2004.

_____. Política Nacional de Resíduos Sólidos. Brasília, 2010.

_____ Constituição Federal. Brasília, 1988.

GIOVANELLA. I, MENDONÇA. MHM. Atenção primária à saúde: seletiva ou coordenadora dos cuidados. Rio de Janeiro: CEBES; 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). O Cidades. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/pesqmun.php?nomemun=joinville>>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Diagnóstico dos Resíduos Sólidos Urbanos. Relatório de Pesquisa, Brasília, IPEA: 2012. Disponível: <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/catadores-sao-responsaveis-por-90-do-lixo-reciclado-no-brasil>. Acesso:12 maio 2022.

_____. Situação Social dos das catadoras e catadores de material reciclável e reutilizável. BRASIL, 2013. ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20986&Itemid=9.

JACOBI, P. R.; BESEN, G. R. Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustenta-

bilidade. *Estudos Avançados*, 25(71), 135-158. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10603>.

KALTON, G. Practical Methods for Sampling Rare and Mobile Populations. *Proceedings of the Annual Meeting of the American Statistical Association*, 5–9, 2001.

_____. O uso da Análise Multicritério na construção de um indicador de Condições de Vida: Estudo para a Baixada Fluminense. *S & G. Sistemas & gestão*, v. 4, p. 122-135, 2009.

KLUNDER, A.; ANSCHÜTZ, J.; SCHEINBERG, A. *Concept of ISWM*. Gouda: WASTE, 2001.

LIMA. L.M.Q. *Lixo Tratamento e Biorremediação*. Revista e Ampliada, 3ª edição, Editora Hermus: 2004, p. 9-16, 2004.

LISBOA C. Os que sobrevivem do lixo. *IPEA*: 2013; 10(77):58-63. Disponível: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2941:catid=28&Itemid=23. Acesso: 13 de maio 2022.

MCDONALD, L. L. *Sampling Rare Populations*. *Sampling Rare or Elusive Species*, 2004. p.11–42.

PEREIRA. A. A, *Os Desafios do Gerenciamento de Resíduos Sólidos da Construção Civil da Administração Pública: Uma contribuição para sustentabilidade socioambiental do município de Joinville/SC*. [Dissertação de Mestrado]. Univille, 2012.

PEREIRA. A. A; MOTTIN, F. *Um Retrato dos Trabalhadores de Material Reciclável de Joinville/SC: Diagnóstico das potencialidades socioeconômicas para organização dos trabalhadores de material reciclável de Joinville/SC*. Painel Instituto de Pesquisa, 2015.

PHILIPPI, JR. A; POLICIONI, M. C.F. *Educação Ambiental e Sustentabilidade*. Barueri, SP: Manole, 2005. 878, p.

OLIVEIRA D.A.M. *Percepção de riscos ocupacionais em catadores de materiais recicláveis: estudo em uma cooperativa em Salvador-Bahia*. [Dissertação de Mestrado]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. ONU, 2012. Disponível: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/crime/embaixadores-da-juventude/conhea-mais/a-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentvel.html>. Acesso: 25/05/2025.

SELIGMANN-SILVA, E. *Trabalho e desgaste mental*. São Paulo: Cortez, 2011.

SEMASA. *Semasa realizará diagnóstico sobre catadores de recicláveis em Santo André*. Semasa, 2014. Disponível: <http://www.semasa.sp.gov.br/2014/10/22/semasa-realizara-diag>

nostico-sobre-catadores-de-reciclaveis-em-santo-andre/. Acesso em:

SENADO FEDERAL. Como alguns países tratam seus resíduos. Revista em Discussão: Brasília, ano 5. n. 22, set. 2014. Disponível em: <www12.senado.leg.br>. Acesso em: 13 maio. 2022.

STRAUCH. M. Resíduos: como lidar com recursos naturais. São Leopoldo: Oikos, 2008, p 6-11, 2008.

VIEIRA. D. Santo André terá primeira Casa de Acolhimento Andreense. Prefeitura de Santo André, 2022. Disponível: <https://www2.santoandre.sp.gov.br/index.php/noticias/item/14579-santo-andre-tera-primeira-casa-de-acolhimento-andreense>. Acesso em:

ZACARIAS I.R, BAVARESCO C.S. Conhecendo a realidade dos catadores de materiais recicláveis da Vila Dique: visões sobre os processos de saúde e doença. Textos Contextos (Porto Alegre). 2009; 8(2):293-305.2.

APÊNDICE A

O Projeto

O projeto iniciou-se com uma reunião de planejamento do mapeamento, que norteou tanto a execução do projeto quanto a elaboração do questionário com os atores sociais envolvidos. Na oportunidade, foi constituído um grupo de trabalho de acompanhamento do contrato com o Semasa (nº 07/21), em cumprimento ao edital pregão presencial (nº 06/21). Várias reuniões foram realizadas para aprovar as sugestões dos contratantes e da comissão de acompanhamento até que o questionário ficasse apropriado para o tema e os objetivos do Semasa.

Após a validação do questionário, foi realizada a pesquisa piloto, com o objetivo de executar os últimos ajustes e intensificar o treinamento dos pesquisadores, reforçando o método de coleta e abordagem ao público-alvo. Com entrevistas individuais e autodeclaratórias, os entrevistados tiveram a liberdade e a individualidade em responder ou não às perguntas.

Por desconhecer o universo de pessoas que seriam entrevistadas, o método utilizado foi o de universo infinito, que gerou o mapeamento de 1.201 catadores, sendo que 853 profissionais aceitaram participar da pesquisa. Os 853 catadores que integraram o estudo citaram mais 630 pessoas envolvidas. Considerando os 348 catadores que se recusaram a participar, estima-se a existência de 1.831 pessoas envolvidas com o trabalho de materiais recicláveis em Santo André.

Para a análise dos dados, utilizou-se estatística descritiva, testes estatísticos não paramétricos e análise por meio de *softwares* desenvolvidos pela Painel Pesquisas e Consultoria.

APÊNDICE B

Temas que nortearam o mapeamento

Principais perguntas que nortearam o trabalho;

Perfil dos trabalhadores: gênero, idade, características do domicílio, escolaridade, endereço, dentre outros;

Perfil profissional: tempo de trabalho e envolvimento familiar;

Perfil de renda: renda familiar, renda com material reciclável e contribuição de pessoas da família na renda;

Processo de trabalho: perguntas referentes à coleta, triagem e comercialização;

Acidentes de trabalho: acidentes, doenças adquiridas e utilização de EPI;

Organização do trabalho: principais fatores que levam ao TI e interesse em TC;

Motivação e percepção do trabalho.

APÊNDICE C

A MARCA

Defesa teórica

A natureza do trabalho de reciclagem é essencialmente manual. Sujar as mãos para limpar a cidade. São as mãos, que, juntas, realizam esse nobre trabalho. A representação abstrata da mão, por meio de uma impressão digital estilizada nas cores do município, tem como objetivo ressignificar o catador como INDIVÍDUO ÚNICO - contrapondo seu lugar usualmente marginalizado na sociedade. Além disso, as linhas sugerem caminhos e ruas, tornando claro o sentido do mapeamento proposto.



MAPEAMENTO DOS CATADORES
DO MUNICÍPIO DE **SANTO ANDRÉ**

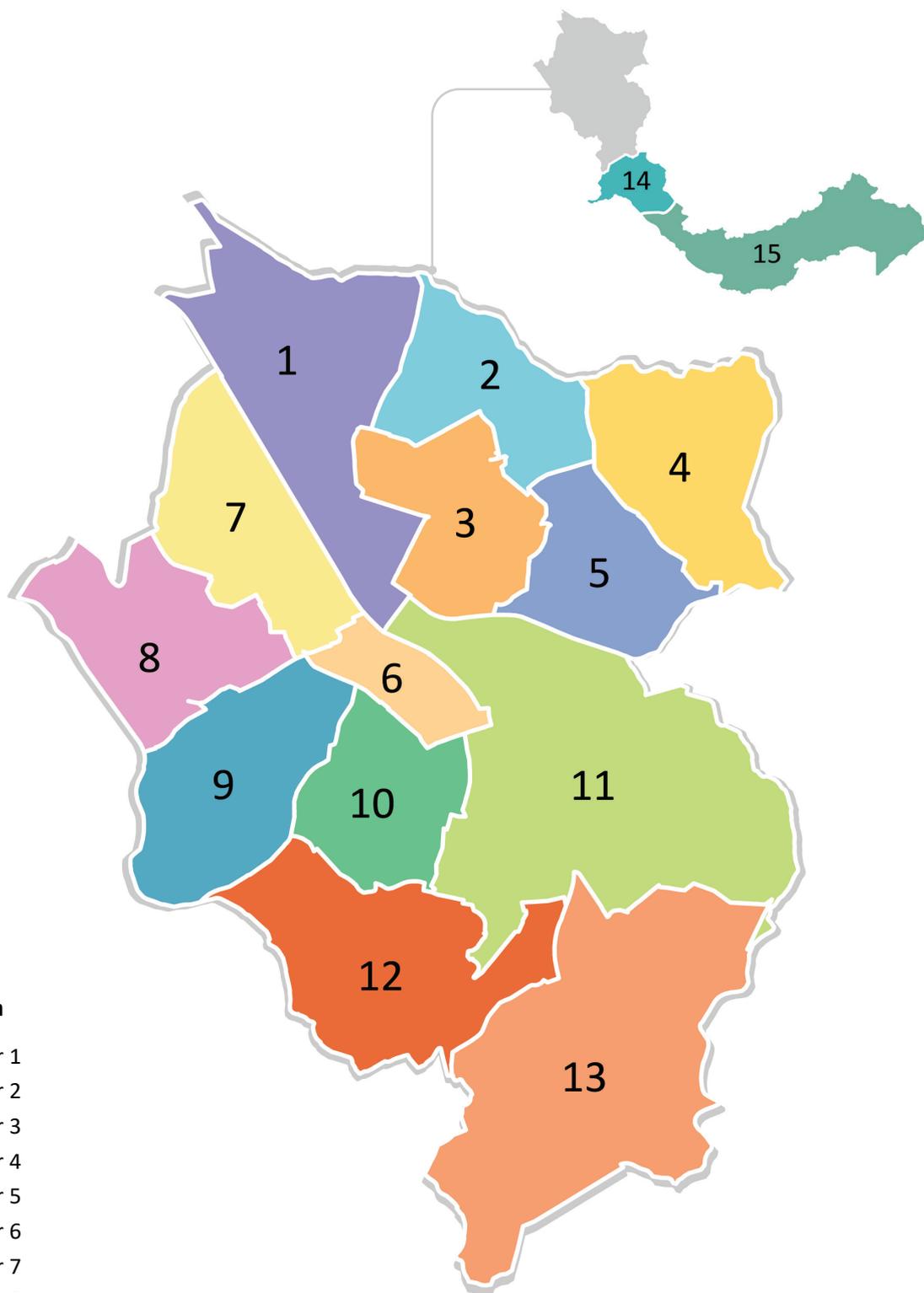
APÊNDICE D

Divisão territorial do mapeamento

Tabela 23 – Bairros ou localidades que compõem o setor de coleta seletiva de resíduos recicláveis

	Setor	Bairros
	Setor 1	Bangu; Camilópolis; Metalúrgica; Santa Terezinha
	Setor 2	Lucinda; das Maravilhas; Oratório; Santo Antônio; Utinga
	Setor 3	Curuçá; Francisco Matarazzo; Jaçatuba; das Nações
	Setor 4	Ana Maria; Capuava; Itapoan; Novo Oratório; Polo Petroquímico de Capuava; Santo Alberto
	Setor 5	Alzira Franco; Erasmo Assunção; Parque João Ramalho; Rina
	Setor 6	Casa Branca; Centro
	Setor 7	Campestre; Jardim
	Setor 8	Alpina; Aquilino; Guiomar; Palmares; Santa Maria; Príncipe de Gales; Sacadura Cabral
	Setor 9	Alice; Bastos; Bela Vista; Bom Pastor; Floresta; Gilda; Pinheirinho; Scarpelli; Valparaíso
	Setor 10	Alzira; Assunção; Paraíso
	Setor 11	Vila América; Centreville; Cidade São Jorge; Gerassi; Guarani; Helena; Homero Thon; Humaitá; Marajoara; Marek; Novo Homero Thon; Pires; Vila Progresso; Silveira; Várzea do Tamandua-teí
	Setor 12	Alvorada; Cristiane; Estádio; Jamaica; Junqueira; Las Vegas; Linda; Stella; Vitória
	Setor 13	Cata Preta; Cipreste; Condomínio Maracanã; Vila Guaraciaba; Guarará; Ipanema; Irene; Vila João Ramalho; Lutécia; Luzita; Rica; Santa Cristina; Santo André; Santo André CDHU; Sítio dos Vianas; Suíça; Teles de Menezes; Tibiriçá
	Setor 14	Miami Riviera; do Pedroso; Recreio da Borda do Campo; Três Divisas; Waisberg
	Setor 15	Parque América; Araçáúva; Campo Grande; Estância Rio Grande; das Garças; Guaripocaba; Joaquim Eugênio de Lima; Paranapiacaba; Rio Bonito; Rio Grande; Parque Rio Grande; Rio Mogi; Rio Pequeno; Acampamento Anchieta; Clube de Campo; Represa Billings; Sítio dos Teco; Sítio Taquaral

Mapa 6 – Divisão territorial de Santo André/SP



Legenda

- Setor 1
- Setor 2
- Setor 3
- Setor 4
- Setor 5
- Setor 6
- Setor 7
- Setor 8
- Setor 9
- Setor 10
- Setor 11
- Setor 12
- Setor 13
- Setor 14
- Setor 15

Fonte: Painel Pesquisas e Consultoria, 2022



MAPEAMENTO DOS CATADORES DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ

